
3 1761 07135985 5

AS TRES ROCAS DE CRYSTAL

MAGICA EM TRES ACTOS E DEZESETE QUADROS

POR

ARISTIDES ABRANCHES

MUSICA DO MAESTRO

A. FRONDONI

Representada pela primeira vez em Lisboa, no theatro da Trindade, em 17 de julho de 1872


LIBRARY
NOV 2 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PERSONAGENS

PIRILAMPO	Uma cantadeira italiana..... Um pastor.................. O conde Lucifer............ Um moço de cego........... Robin-Luron, prestidigitador Um recruta................ Um tyrolez................	ANNA PEREIRA
O REI THESAUROCHRYPSONICOCHRYSIDAS..............................		LEONI
NOREDDINO, seu mordomo..............		QUEIROZ
O DUQUE HORMS		DE-VECCHY
O GENERAL SCHOFFRE..............		PIRES
O DUQUE TRUCK.....................		LIMA
FRANZ	Um mendigo cego.............. Fanfreluche .... Um gallo	AUGUSTO
QUIRIBIBI, feiticeiro aposentado.........		PIRES
MR. GRAND, mestre d'armas do rei		GODINHO
COLMACK, estudante....................		SILVA
MATHURINO, aldeão..................		MATTOS
UM OFFICIAL DE KALUMULANOS....		GODINHO
PIPERTRANK-TRENK-TRINK, burgomestre..............................		ANDRADE
SCHOPP, cervejeiro.......................		GODINHO
UM CREADO		MACEDO
UM AJUDANTE DE ORDENS		GALVÃO
UMA SENTINELLA.....................		ANDRADE
UM ESCRAVO NUBIO..................		OLYMPIO
PRIMEIRO SOLDADO		PEREIRA
SEGUNDO SOLDADO..................		MACEDO
A PRINCEZA LÉLIA, filha do rei........		DAMASCENO
A PRINCEZA CASSILDA, idem..........		M. EMILIA
A PRINCEZA NOÉMIA, idem		ROCHEDO
A FADA DOS CRYSTAES..............		FELGAS
MARTHA, aldeã.......................		AMALIA
A SUPERIORA DAS PENITENTES NEGRAS..............................		N. N.

Estudantes da escola militar de Harneval — Moços da cervejaria — Pagens e sequito das princezas — Officiaes as ordens do general Schoffre — Povo — Granadeiros do Atlas — Caçadores do monte Appenino — Differentes corpos do exercito do rei — Porta-estandartes — Banda marcial — Officiaes generaes — Uma ronda de kalumulanos — Aias das princezas — Um gallo — Estatuas de carne — Vivandeiras — Soldados de differentes armas — Ordenanças — Recrutas — Ajudantes de ordens — Aldeãos e aldeãs — Penitentes negras — Genios e Nymphas.

TITULOS DOS QUADROS

PRIMEIRO ACTO

1.º O Pirilampo
2.º Plano de campanha
3.º Um pae previdente
4.º Para as cem batalhas

SEGUNDO ACTO

5.º Os dois mendigos
6.º Scenas de physica recreativa
7.º Surpreza
8.º Esforços inuteis
9.º Ultima tentativa
10.º As estatuas de carne

TERCEIRO ACTO

11.º Fervet opus!
12.º Correspondencia telegraphica
13.º A cobra
14.º Processo para rejuvenescer
15.º As penitentes negras
16.º Já que tanto apertam
17.º Casem e sejam felizes

ACTO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

Terraço cortado aos terceiros planos por uma balaustrada. Á direita, uma cervejaria com porta para a scena. Á esquerda, entre vasos de flores tropicaes, um viveiro octogono. Diversas bancas pela scena. Alem da balaustrada, collina povoada de edificios graciosos.

SCENA I

ESTUDANTES, uns assentados á banca, outros encostados á balaustrada, alguns passeando. Quadro de animação e alegria

CÔRO

Das horas da vida,
que passam ligeiras,
gosemos!
gosemos!
A vida é um sonho
d'esp'ranças fagueiras,
sonhemos!
sonhemos!
Ai! sonhemos, sonhemos, sonhemos,
e do sonho acordar não cuidemos!
Não, não,
não, não cuidemos,
que a vida é um sonho
d'esp'ranças risonho,
sonhemos!
sonhemos!

SCENA II

Os mesmos e Horms

Horms (Entrando.) — Bravo, meus senhores, muito bem!... Riam, riam... emquanto lá fóra as mães, filhas e esposas, choram lagrimas de sangue, pelos que vão expor a vida em defeza da mãe commum! (Surpreza em todos.)

Colmack — Que queres dizer com isso, Horms?

Horms — Acaso não sabem a grande novidade do dia?

Todos (Com interesse.) — Não, o que é?

Colmack — Dize lá.

Horms — O rei da Ilha Verde acaba de declarar-nos guerra! Ainda hoje devem partir para a fronteira os primeiros corpos dos nossos exercitos! E é justamente, quando se prepara uma grande lucta, quando velhos e novos soldados entoam, enthusiasmados, o grande canto guerreiro, que os estudantes da escola militar de Harneval estão a beber... como ébrios! e a rir... como possessos!

Todos (Com enthusiasmo.) — Viva a guerra!

Horms — Até que despertaram!

Colmack — Viva el-rei Thesaurochrypsonicochrysidas!

Todos — Viva!

Colmack — Guerra ao rei da Ilha Verde!

Todos (Em grandes brados.) — Guerra! guerra!

Horms (Com enthusiasmo.) — Sim! guerra, guerra!... guerra a todo o trance! guerra a todo o preço! A paz é invenção dos cobardes e das creanças! Guerra

sempre! guerra emquanto houver homens, e, quem diz — homens, diz ambição e sêde de conquistas!

CÔRO DE ESTUDANTES

Guerra, sim! guerra f'roz e sem treguas!
Guerra emquanto um soldado viver!
D'esta paz dissipae densas nevoas!
Guerra emquanto um só peito bater!

Colmack —

Guerra, sim! a guerra é dura,
mas é honra, é lei, é brio.
Provocados, acceitâmos
O cartel de desafio!
'Spada em punho, companheiros!
Eia! sus! a pelejar!
Feliz quem p'ra si na guerra } Bis.
A mortalha for talhar. }

CÔRO

Guerra, sim, etc.

Colmack —

Guerra, pois! D'altiva gente
Abatei o poderio!
Exhauridas polv'ra e bala,
Combatei a ferro frio!
'Spada em punho, etc.

Colmack — Mas o que deu origem á declaração de guerra?

Horms — A differença de raças, affrontas antigas nunca esquecidas nem perdoadas, odios velhos, a emulação, o ciume, a inveja! Dirás que não é

rasão sufficiente para dois povos combaterem. Convenho. Se se tratasse de um alto principio, de uma idéa nobre e generosa... então, sim; mas simplesmente para experimentar forças, como dois gladiadores de circo, é realmente barbaro!

Colmack — Sendo assim porque lhe acceitámos a guerra?

Horms — Parvo! Sabes porventura se fomos nós que a provocámos?...

Colmack — Estás hoje muito nebuloso! Emfim, deixemos a guerra, emquanto lá não somos chamados, e fallemos de cousas alegres. (Mettendo-lhe o braço.) Como vão os amores?

Horms — Sonhei, estou acordado!

Colmack — Esqueceste-a?

Horms — Que remedio! Foi um delirio, uma vertigem, uma febre! Eu, o duque Horms, pretender conquistar uma princeza!...

Colmack — E porque não? Ha porventura entre nós sangue mais nobre e mais fidalgo que o dos Horms?

Horms — Que importa? Era uma loucura, um devaneio, um sonho! Ella fez bem em desprezar-me, em verberar-me com motejos e desdens. Olha, Colmack, não sei se ainda a amo; o que porém te afianço, é que daria tudo para que ella sentisse por mim... quanto eu senti por ella durante vinte dias!

Uma voz (Fóra.) — Sentirá.

Horms (Sobresaltado.) — Não ouviste?

Colmack — O que?

Horms — Pareceu-me que uma voz dissera: Sentirá!

Colmack (Rindo.) — Sonhaste.

Horms — Talvez.

SCENA III

OS MESMOS e FRANZ

Franz (Entrando esbaforido.) — Oh! meus senhores! Viram o senhor duque... (Dando por elle.) Ah! (Dirige-se para Horms.)

Horms — Oh! grande maroto!... (Agarrando-o por uma orelha.) Ainda agora?...

Franz — Mais, senhor duque; mais... e ainda é pouco! É bem feito! é muito bem feito!

Horms (Largando-o.) — Então onde estiveste, pedaço de velhaco? Pois eu mandei-te hontem ao castello de Horms, e só agora me appareces?

Franz — Que dirá então o senhor duque quando souber que nem fui ao castello! (Põe-se em guarda.)

Horms (Furioso.) — Não?! Oh! velhaco! (Corre para elle.)

Franz (Evitando-o.) — Oh! Senhor! ouça-me pelo amor de Deus! não tome o recado na escada!

Colmack — Anda lá, falla. Falla... que eu replicarei a seu tempo.

Franz — Pois sim, senhor. Então, com sua licença, lá vae a historia. Eram já sete horas da tarde quando v. ex.ª me mandou ao castello. Teria andado cousa de duas leguas, se tanto, quando vejo diante de mim uma luz muito pequenina, a luzir e a apagar-se, a luzir e a apagar-se...

Colmack — Havia de ser algum pirilampo.

Franz — Talvez fosse. O que posso dizer ao se-

*

nhor Colmack é que, atraz da tal luzinha, vieram outras, depois outras... e outras... e tantas... que apesar de tanta luz, eu estava cada vez mais ás escuras! (Serio e com energia.) Palavra de honra que tive medo!

Todos — Ah! ah! ah!

Franz — Começava eu a puxar pelo bestunto para explicar o apparecimento de tantas luzes n'um seculo de tão poucas, quando, de repente — zás — ahi vae o Franz pelo chão abaixo! Ah! pae da minha alma!... que colicas!... Eu cuido que fiquei verde! Não sei quanto tempo andei assim... de funil; o que sei é que, chegado a certo ponto, abri os olhos, e achei-me n'um valle medonho acompanhado de todas as *luzinhas,* que me tinham interrompido no caminho! N'aquellas alturas entrei a considerar que o mais prudente... era não considerar; e calculando que tinha chegado a minha ultima hora, — admirem a esperteza! — resolvi fingirme morto... para me custar menos a morrer! Estava n'esta determinação, quando, uma das luzes, a mais brilhante, se chegou a mim perguntando: «Tens medo?» Creio que se me conhecia na cara! «Comquanto estejas no valle dos Pirilampos...»

Todos — Valle dos Pirilampos!?

Franz (Continuando.) — «Não te faremos mal. Nós, os pirilampos, somos rapazes de boa feição; e, se uma ou outra vez pregâmos a nossa pirraça á humanidade, é simplesmente para nos divertirmos. Sei que és creado do duque Horms. Conheço-o e sou-lhe grato. Entrega-lhe da minha parte esta carta, e... boas noites». Se bem o disse, melhor o fez; apagaram-se todas as luzes, e ahi parto eu, como um fo-

guete, pela terra acima! Ai! senhores! assim que me apanhei ao ar livre... Eu não sei lá o que era... todo o caminho me parecia pouco! Ora ahi tem o senhor duque porque não cheguei a ir ao castello de Horms.

Colmack (Para Horms, gracejando.) — Estás então em relações com os pirilampos?

Horms — Pelo menos com o Genio d'elles.

Colmack — E d'onde te veiu esse conhecimento?

Horms — Era eu muito creança, andava um dia no parque do castello passeando com o meu aio, quando vimos um reptilzinho, que se dirigia para nós. Weimar quiz esmagal-o; eu, porém condoendo-me do desgraçado, pedi que o não matasse. A estas palavras, o reptil transforma-se n'um rapaz esbelto e elegante, e, beijando-me, disse: «Obrigado, duque Horms. Acabas de salvar-me a vida. Condemnado, por uma leviandade, a viver como reptil, o meu encantamento só poderia cessar na hora em que, estando para ser esmagado, uma creança pedisse supplicante que me não matassem. Tu foste pois que me salvaste, em mim tens um amigo. Sou o pirilampo, o mais poderoso e o mais sagaz d'essa immensa familia de coleopteros, que similham na terra as estrellas do céu. Se de mim precisares, invoca-me e serei comtigo». Depois sumiu-se. Confesso-lhes que nunca mais me lembrei d'elle, e todavia não poucas vezes tenho carecido do valimento de nigromantes e feiticeiros. (Para Franz.) A carta?

Franz (Entregando-lh'a.) — Aqui está, meu senhor.

Colmack — Lê depressa. Estou morrendo por apreciar o estylo d'esse Genio.

Horms (Lendo.) — «Duque Horms. Quando? Pirilampo.» Quando? Não percebo.

Colmack — Percebo eu; quando o queres tu ver, fallar-lhe, recebel-o. Não póde significar outra cousa.

Horms (Alegremente.) — Quando tu quizeres, meu querido Genio. Sempre, hoje, agora, n'este instante.

SCENA IV

Os mesmos e Pirilampo vestido de napolitana. Pende-lhe do lado um bandolim. Maneiras acanhadas

Pirilampo (Entrando.) — Con permisso, miei signori.

Colmack — Que queres tu, rapariga?

Pirilampo — No voglio nulla, signori. Voleti voi udire una canzoni?

Horms — És italiana?

Pirilampo — Si, per servillo. (Vae preparando o bandolim para tocar.)

Colmack — De que terra?

Pirilampo — Di Spezzia, signori.

Horms (Pedindo attenção.) — Ouçamos, meus amigos.

Colmack — Vamos lá, canta, canta!

MANDOLINATA

Pirilampo (Cantando.) —

Sù andiam! la notte è bella,
La luna và spuntar,
Di quà di là
per la città.

Andiam ci a trastullar
Finchè la notte dura
Ci potrem divertir
Potremo andar
Girar, tornar,
Cantar, suonar, gioir.
Or andiamo, andiamo intenti le belle a svegliar,
Sopirei parenti, i gelosi fugar
la bella andirà ah! ah!
S'affacierà, passar ci vedrà ah! ah!
Suo cuor balzerà ah! ah!
Suo cuor balzerà, si balzerà
Finchè cantar ci sentirà.
Su andiam! la notte è bella, etc.
Vedrem, vedrem le cortine or ora s'aprir
E le nostre nine piano apparir
Un fior caderà ah! ah!
per chi sarà
L'amato il saprà ah! ah!
se lo piglierà ah! ah!
se lo piglierà, lo piglierà,
e di cantar non cessarà.
Su andiam! la notte é bella, etc.

Todos — Bravo, bravo!

Horms — Meus senhores, uma esmola para a pobre cantadeira. (Todos dão esmola.)

Pirilampo — Grazie, miei signori, et che Dio voi recompensarà. (A estas palavras apparece um pequenino ramo de flores no peito de cada um dos estudantes.)

Todos (Maravilhados.) — Oh!

Horms (Áparte.) — É realmente prodigioso!

Franz (Para Horms, olhando desconfiado para Pirilampo.) — Não queira crer que ha bruxas, não.

Colmack — O caso é devéras milagroso, mas tem facil explicação. Deus achou tão meritoria a nossa obra, que nol-a quiz recompensar... em flores.

CÔRO (Rodeando a cantadeira.)

Cantadeira milagrosa,
que transformas oiro em flores;
Deus te dê em recompensa
mil venturas nos amores.

(Aos ultimos compassos, os estudantes vão saíndo pela esquerda. Horms, que os seguia pensativo, volve atraz, e fitando a vivandeira, diz-lhe) :

Horms — Cantadeira, cantadeira... dize: Tu és...

SCENA V

HORMS e PIRILAMPO

Pirilampo (Ao mesmo tempo que transforma o vestuario n'um costume elegante e phantastico, respondendo com estouvamento e finura.) *Ego sum, qui sum!*

Horms (Abraçando-o.) — Demonio!... para que foi então esse disfarce?

Pirilampo — Uma phantasia, um capricho, uma veleidade de artista nigromante. Que queres tu? Somos todos assim na immensa familia dos pirilampos, — zombeteiros, alegres, travessos, brincalhões. (Solta uma volata.)

Horms — Porque não me tens apparecido?

Pirilampo — Porque nunca manifestaste desejos de me ver.

Horms — E manifestei-os hoje?

Pirilampo — Certamente; e apenas disseste: «Quando quizeres, meu querido genio. Sempre, hoje, agora mesmo, n'este instante», eu appareci logo. Pois olha que estava a duas mil leguas de distancia!

Horms (Incredulo.) — E ouvia-se lá a minha voz?

Pirilampo — Distinctamente. Tenho o ouvido muito fino!

Horms (Sempre incredulo.) — E ouves tudo quanto queres?

Pirilampo — Tu estás a duvidar do meu poder! e porque não trago varinha de condão, ou venabulo, entendes que não passo de um charlatão! Ora, meu gentil duque, o tempo dos nigromantes de tunica preta e barrete pyramidal já lá vae! Os feiticeiros de hoje calçam luvas, e substituiram o venabulo pela badine, uma badine como esta, elegante, graciosa, chic! Depois, nota, eu não sou, rigorosamente, o que por ahi se chama — magico. Pertenço a uma ordem de genios subtis, ethereos, fugazes, que exercem a magia humoristica, graciosa e fina. Não transformo homens em ursos, — transformação simplissima attenta a affinidade, que existe entre as duas raças; — mas sei transformar abrolhos... em lyrios, e muito coração duro... em cera flaccida e malcavel. Queres uma prova do que eu poderia como nigromante? Tel-a-has. Vês aquelle viveiro? Pois vou povoal-o de emplumadas e saltitantes avesinhas. (O viveiro apparece interiormente povoado de passaros.) Vê. Olha como chilream e adejam! Pobres innocentes! nem se lembram de que basta um gesto meu para volverem ao nada de que saíram. (Os passaros desapparecem.)

Horms — Agora é impossivel duvidar da tua magia.

Pirilampo — Ah! mas eu quero que tu aprecies quanto posso como Genio, e, para isso, vou ler no futuro. Ora, o futuro, como sabes, não é só o dia de ámanhã; é o proprio dia de hoje, é o que ha de

acontecer d'aqui a uma hora ou d'aqui a um instante. Transportemo-nos pois ao palacio real.

Horms (Sobresaltado.) — Ao palacio real?

Pirilampo (Com intenção.) — Sobresaltaste-te?

Horms — Não.

Pirilampo — As princezas saíram a passeio em coche a duas soltas. Vão alegres e descuidadas. Lélia, a mais velha e a mais formosa, parece pensativa. Quem podéra ser a briza, que lhe affaga e beija as longas tranças. Mas em que pensará ella? (Pausa.) Iria jurar que é em ti...

Horms — Em mim?

Pirilampo (Como quem escuta.) — Sim!... Não me engano... «Se fôra de sangue real...» diz ella no silencio da sua alma, «quem sabe?... Então, talvez! mas um duque, um simples duque...»

Horms (Mordendo os beiços.) — Ah! pois ella pensa isso?

Pirilampo — Orgulhosa! Já não lamento o que está para lhe acontecer.

Horms (Inquieto.) — O que é?

Pirilampo — Um desastre.

Horms — Como?

Pirilampo — Um desastre, sim! Ao passarem alem, junto do terraço, os cavallos tomarão o freio nos dentes, e se braço vigoroso não os tolher na carreira, ai das princezas, e ai de Lélia, que será victima!

Horms (Inquieto.) — Zombas por certo...

Pirilampo — Escuta, approximam-se... Não sentes tropel de cavallos?... (Horms corre ao fundo.) Lá chégam... (Bradando.) Vigor n'essas redeas, cocheiro!... Eil-as que vão a passar! (Suspende-se com ar de triumpho. Horms dá um grito e corre precipitadamente para fóra da scena. Rumor fóra.)

SCENA VI

PIRILAMPO, depois um CREADO

Pirilampo — Vae, louco! corre, expõe-te, sacrifica-te... Nescio!... Não ha mulher que valha a vida de um homem! (Subindo.) Conduzem-nas para aqui desmaiadas... (Descendo.) E nem uma cadeira para as receber... (Batendo com a badine sobre a mesa.) Garçon!

Creado (Vestido á actualidade, perfeitamente barbeado e penteado. Surgindo.) — Monsieur.

Pirilampo — Trois chaises.

Creado — Oui, monsieur. (Submerge-se, reapparecendo logo com tres cadeiras.)

Pirilampo (Ao publico.) — Qualquer réles nigromante far-se-ía servir n'este caso por um gnomo de olhos de fogo e pêllo hirsuto. Eu, não. Os meus creados rivalisam com os do café *Tortoni* ou *maison dorée,* e não envergonhariam as salas de uma duqueza. (Para o creado.) Va-t'en.

Creado — Oui, monsieur. (Submerge-se.)

Pirilampo — Eil-as que chegam. (Mette-se no viveiro e desapparece.)

SCENA VII

LÉLIA, NOÉMIA, CASSILDA, NOREDDINO, HORMS, COLMACK, ESTUDANTES e o sequito das princezas

(As princezas desmaiadas são conduzidas nos braços dos estudantes. Horms e Colmack conduzem Lélia, que assentam na cadeira á esquerda. Noémia é assentada á direita. Cassilda ao centro. Noreddino anda muito afflicto de uma para outra procurando reanimal-as.)

CÔRO

Pobres princezas!...
Caí...
Caí...
Caíram!
Porque os cavallos
fugi...
fugi...
fugiram!

Se braço forte
não as
segu...
segu...
segura,
ha muito 'stavam
na se...
na se...
na se...
pultura!

Breve porém
tornando a si
dirão a rir:
caí!
caí!
caí!
caí!

Noreddino — Então, meninas... senhoras... princezas... Isto não foi nada. (Vindo a Horms, cuja mão aperta.) Obrigado, meu senhor, muito obrigado! Se não fosse... (Volta rapido ás princezas.) Então, princezas... senhoras... meninas... Vamos, tornem a si. (Voltando a Horms.) Se não fosse a sua coragem e valor que seria d'ellas a estas horas!... (Voltando ás princezas.) Se-

nhoras... princezas... meninas... (A Horms.) É o senhor duque de Horms, não? (Ás princezas.) Meninas... princezas... senhoras... (A Horms.) El-rei ha de ficar muito penhorado quando souber... (Ás princezas.) E não tornam a si! Valha-me a côrte celeste! (A Horms.) Quando souber da sua dedicação. (Ás princezas.) Princezas... senhoras... meninas... então...

As tres (Como que despertando.) — Ah! (Olham admiradas para tudo.)

Noreddino (Jubilcso.) — Surrexerunt!...

Lélia — Mas onde estamos nós?

Noémia — O que foi que nos *assoçedeu?*

Cassilda — Então aonde nos *prantaram?*

Lélia (Baixo e semi-reprehensiva puxando-lhes pelas mangas.) — Aconteceu, Noémia; pozeram, Cassilda. Jesus! que vergonha!

Noreddino — Depois o saberão, minhas senhoras, depois o saberão, porque provavelmente hei de ser obrigado a contar muita vez este caso na côrte. Por emquanto bastará dizer-lhes que estivemos á *porta inferi!* E se não fosse a coragem do senhor duque de Horms... (Indica-o.)

Noémia e Cassilda — Ah!

Lélia (Áparte.) — Elle!

Noreddino — Que se precipitou... Depois o saberão, porque eu hei de ter de contar muita vez este passo no paço, e por isso passo agora em claro a historia d'este feito. Fiquem porém vossas altezas sabendo que devem a vida ao senhor duque de Horms, e quando o encontrarem na côrte ou na rua póde cada uma de vossas altezas dizer de si para comsigo: *debo-le a vida!*

As tres (Rindo.) — Ah! ah! ah!

Noreddino — Agora, minhas senhoras, que o perigo passou, retiremo-nos quanto antes. No paço já ha de constar a catastrophe, e el-rei seu pae deve estar a estas horas sobre brazas! (As princezas e o sequito sáem por entre as alas dos estudantes, que as cortejam respeitosos, e as acompanham até fóra da scena. Horms segue-as com o olhar. Pirilampo apparece no viveiro, sorrindo desdenhoso.)

Horms (Desalentado e com despeito.) — E nem uma palavra, um signal, um gesto de agradecimento!... Oh! Lélia!... podesses tu amar-me! podesse eu vingar-me!...

Pirilampo — Vingar-te-has, descansa.

Horms — Mas como?

Pirilampo — Não sei. Comquanto leia no futuro, em questões de amor, a minha vista é tão curta, que não alcança alem do dia de ámanhã. Vingar-te-has, eis tudo! Vamos, alegra-te! És capaz de me fazeres perder o meu bom humor. Eia! sê como eu irriquieto, saltitante, traquinas, e viverás eternamente n'um estouvado carnaval. (Arrasta-o para fóra da scena. Mutação.)

QUADRO SEGUNDO

Sala d'armas no palacio real. Panoplias e trophéus d'armas de todas as especies

SCENA I

Rei e Mestre d'armas

Rei (Entrando de mau humor.) — Vamos lá a isso, vamos! Que remedio! Confesso que não estava pre-

parado para uma guerra assim... tão de repente. Se estivesse prevenido ter-me-ía exercitado no manejo das armas para não fazer má figura na presença do inimigo.

Mestre — Pois vossa magestade não suspeitava?...

Rei — Eu não, homem! Sempre cuidei que a minha côrte estava nas melhores relações com a do rei da Ilha Verde. Verdade é que, ás vezes, de parte a parte, lá vinha o seu dichote, a sua picoinha, mas não passava d'ahi. Emfim, agora que se lhe ha de fazer? Dá cá as espadas, anda. (O mestre vae buscar duas espadas de pau e uma manopla, que offerece ao rei.) Olha lá; tu, ainda agora, arrumaste-me uma espadeirada n'uma perna, que me fez ver as estrellas...

Mestre — É que...

Rei — É que... é que... É que me doeu! e eu estou a aprender para dar e não para levar.

Mestre — Mas, na guerra...

Rei — Dá-se e leva-se, bem sei; porém como eu faço tenção de andar sempre mettido na bagagem...

Mestre — Ah! Vossa magestade...

Rei — Pois!

Mestre — Em tal caso parece-me desnecessario exercitar-se na esgrima de espada.

Rei — E se vier alguma cutilada perdida da baralha?

Mestre (Convencido.) — Ah!

Rei — Anda lá, anda, que se faz tarde. (Collocam-se em posição de esgrimir.)

Mestre — Mais garbo, meu senhor, mais gar-

bo! O corpo mais aprumado, a perna esquerda arqueada com graça...

Rei (Executando.) — Assim?

Mestre — Admiravel! Esplendido!... Agora, meu senhor, firmeza e attenção! (Joga-lhe alguns golpes, que o rei varre sem arte.)

Rei — De vagar, homem, de vagar! Não vale dar de rijo. (Cessando o exercicio.) Queres saber uma cousa? Estou com medo de morrer de uma bala na testa.

Mestre — Porque?

Rei — Porque? Ai que é tolo! Em primeiro logar... por morrer, e em segundo... porque deve ser uma morte muito estupida, muito semsaborona. Imagino que uma bala na testa ha de produzir som igual ao de um piparote no fundo de uma panella vidrada, e eu não quero levar uma panella atada á minha memoria! Ha ainda outro genero de morte, que eu temo.

Mestre — Qual é?

Rei — Ser atravessado pela barriga por uma espada.

Mestre — Para isso ha remedio na arte de esgrima.

Rei (Muito contente.) — Sim?... ha? E estavas tu calado com isso. Has de ensinar-m'o, ouviste? Quero ir para a guerra com a certeza de que não morro... pela barriga.

Mestre — Apenas vossa magestade presentir que querem atirar ao seu precioso ventre, roda sobre o calcanhar do pé esquerdo e volta *in continenti* a frente á rectaguarda.

Rei — Não percebi bem. Rodo sobre o calcanhar do pé esquerdo...

Mestre — E volta immediatamente a frente á rectaguarda.

Rei (Reflectindo.) — Sim... É isso... Volto a frente... e d'esse modo... Sim... percebo. É o tal caso de dar bilha de leite por bilha de azeite. Ora deixa-me fazer a experiencia. Agora sou eu que dou. Põe-te lá em guarda. Eu vou atirar-te á barriga, e tu defendel-a conforme as regras que me ensinaste. Lá vae. Uma, duas... (Vibra-lhe um golpe á barriga. O mestre executa os movimentos já indicados, e o rei apenas o apanha de costas dá-lhe de prancha com a espada.)

Mestre (Voltando-se de repente e inflammado.) — Meu senhor, isso é traição!

Rei — É, sim, bem sei; mas na guerra dão-se muitas vezes d'estes casos, e eu desejava que me ensinasses a prevenir esses ataques traiçoeiros...

SCENA II

Os mesmos e um Pagem

Pagem (Annunciando.) — O duque Truck.

Rei (Para o mestre.) — Logo continuaremos; entretanto vae pensando na maneira de garantir a inviolabilidade da rectaguarda, ouviste? (O duque entra, o mestre e o pagem sáem.)

SCENA III

O Duque e o Rei

Duque (Maneiras graves e distinctas, sorriso fino e problematico.) — Magestade...

Rei — Adeus, amigo, então como vae isso?

Duque — Discretamente.

Rei — A discrição é com effeito a sua divisa. O duque, ás vezes, é discreto a ponto de ser mysterioso. Com que então temos guerra?

Duque — Que remedio! bem quiz evital-a, mas...

Rei — Tambem eu, homem, tambem eu!

Duque — Fiz quanto em mim cabia para... porém...

Rei — Porém, o que?

Duque — Entretanto tenho a consciencia de que não fomos nós que...

Rei — Que, o que? Ora você, duque, deixa sempre em meio os seus pensamentos, não acaba de exprimir as suas idéas, tem sempre na bôca umas reticenciasinhas, que, no melhor da festa, deixam a gente ás escuras! Seja ao menos commigo sem reserva. Não tenha receio de despejar commigo o saco. Porque é esta guerra? Que fiz eu ao rei da Ilha Verde? Se de cá não andassem sempre: pica-te, Pedro, — pica-te, Pedro... O Pedro não se picava!

Duque (Resmoneando.) — Uum...

Rei — Ora imagine que nos sáe o gado mosqueiro?

Duque — Respondo breves palavras.

Rei — Isso já eu espero; breves... e nublosas!

Duque — *Deus super omnia!* Confie vossa magestade em mim, nos seus exercitos e...

Rei — E em quem mais?

Duque — Em mais ninguem.

Rei (Incredulo.) — Nada! essa conjuncção não a

empregou você por demais. Ande lá, não se arrependa, abra-se commigo... (Confidencial e curioso.) E... em quem mais?

SCENA IV

Os mesmos e Pagem

Pagem — O general Schoffre solicíta uma audiencia de vossa magestade.

Duque — Vem naturalmente apresentar a vossa magestade o plano da campanha.

Rei (Admirado.) — Pois ainda agora a guerra foi declarada, e já elle elaborou o plano da campanha? Apre!

Duque — Está tudo preparado, meu senhor.

Rei — Tudo?

Duque — É só marchar... e vencer.

Rei — Ha de ser mais facil, marchar.

Duque — E vencer, porque não?

Rei (Ao pagem.) — Manda lá entrar o general.

(O pagem sáe, o general entra acompanhado por officiaes do estado maior.)

SCENA V

Os mesmos, General e Officiaes

General (Sujeitinho baixinho e magrinho, tartamudeando bastante. Traz um grande rolo debaixo do braço.) Ma... ma... ma...

Rei — ... gestade, bem sei. Quando estiver atrapalhado passe adiante, que eu dispenso-o do resto das syllabas.

General — Venho apresentar a vo... vossa ma... magestade o plano da cam... cam...

Rei — Deixe lá o cancan e passe adiante.

General — Vo... vossa magestade per... percebeu-me?

Rei — Perfeitamente.

General (Desenrolando sobre a mesa o rolo, que traz debaixo do braço.) — Di... digne-se pois vossa magestade lan... lançar os seus ó... ó... ó...

Rei — Os meus oculos, bem sei.

General (Cada vez mais pegado e desesperado, movendo ao mesmo tempo a cabeça em sentido negativo.) — ó... ó... olhos!... apre!

Rei — Essa agora não adivinhei eu.

General — Para este mappa.

Rei — Ora vamos lá a ver isso. Deve ser obra asseiada, uma vez que é obra do general. (Anda em roda da mesa, como que a procurar maneira de ver o mappa.)

Duque — Que procura vossa magestade?

Rei (Baixo.) — Como demonio se vê isto? Eu não lhe acho direito nem avêsso.

Duque (Indicando um ponto.) — Veja vossa magestade d'aqui. D'aqui póde vossa magestade ver tudo.

Rei (Collocando-se.) — Ah! que se eu podesse ver tudo d'aqui!...

General (Começa a explicar. O rei segue as explicações como parvo, os officiaes com interesse.) — Os no... nossos exercitos di... divididos em tres cor... corpos, occupam os pon... pon...

Duque (Auxiliando.) — Os pontos A, B, C. Veja vossa magestade.

Rei — Sim senhor, bem vejo. Lá a regra do a, b, c, conheço eu. Olha, olha... lá está o Y.

General — E o quar... quartel general no angulo M, L.

Duque — É onde vossa magestade ha de estar.

Rei — Ah! eu hei de estar no angulo M, L? (Áparte.) Estou arranjado com o mosquedo.

General — Por de... detraz do quar... quartel general...

Duque — Ha um bosque para cobrir a rectaguarda.

Rei — Um bosque? Convem-me! É preciso muito cuidado com... (Procurando em torno com a vista.) Onde está o meu mestre de armas? Ah! já se foi?... tenho pena.

General — Ora a á... ala esquerda da columna B, ataca a ala do inimigo que... que...

Duque — Que está nos pontos L, M.

Rei — Pelo que vejo o duque tambem entende de horta?

Duque — Ha tanto anno a trabalhar com o general...

Rei — Ah! seu maganão! até que se descalçou! Apanhei-te, cavaquinho, apanhei-te! Com que então trabalhava n'isto com o general ha muito anno?...

Duque (Recommendando-lhe silencio.) — Senhor!

Rei — Bem, agora percebi tudo. Olhe, general, não esteja a maçar-se. Approvo o seu plano aos olhos fechados e entrego-me nas suas mãos. Assegura-me o general a victoria, não assegura?

General (Seriamente increspado.) — Po... pois... vo... vossa magestade du... duvida?

Rei (Áparte.) — Olha o pequenino como se inflamma!

General (De mais em mais azoado.) — I... i... i...

Rei (Áparte.) — Bom! agora chora!

General — I... isso.

Rei (Áparte.) — Ah! Cuidei que era chorar!

General — Isso é uma off... off...

Rei — Ora está bom, general. Eu não disse isto para o offender. (Tira um rebuçado da algibeira, desembrulha-o e mette-lh'o na bôca.)

General (Brando e risonho.) — Vo... vossa magestade sabe-a toda!

Rei — Agora sei, mas até aqui estava completamente ás escuras! Ora, meus senhores, demos tregoas á guerra e tratemos um pouco dos negocios domesticos.

Noreddino (Dentro.) — Magestade, meu senhor, meu rei...

Rei — Ainda bem que chega o Noreddino. Na sua qualidade de mordomo não é de mais para esta conferencia.

SCENA VI

Os mesmos e Noreddino

Noreddino (Preoccupado e afadigado.) — Oh! meu senhor, eu venho...

Rei (Interrompendo-o.) — Vens muito a proposito, vens.

Noreddino (Seguindo a sua idéa.) — Um caso grave...

Rei (Idem.) — Upa! upa! pódes chamar-lhe gravissimo, que não erras.

Noreddino (Como acima.) — E cujas consequencias...

Rei (Como acima.) — Exactamente, cujas consequencias eu desejo prevenir.

Noreddino (Imaginando que a idéa do rei corresponde á d'elle.) — Cujas consequencias é necessario prevenir para o futuro.

Rei — Pois ahi está onde eu quero chegar, ao futuro! Admiro a tua penetração, mas faze favor de me deixar fallar.

Noreddino (Insistindo.) — Veja porém vossa magestade...

Rei — Vejo tudo, homem, e é justamente por tudo ver que tudo vou expor ao criterio d'este tribunal façanhudo. Meus senhores, sou pae!

Duque — Não ha duvida.

Rei (Muito rapido.) — Não ha, nem eu a admittia. Sou pae, meus senhores, e n'essa qualidade, tenho tres filhas que, se não são tres soes, são com certeza...

General — Tres ra... raios do dito.

Rei (Áparte.) — Lá se mette elle no raio da conversa. Temos conferencia para peras. (Alto.) Em vesperas de partir para a guerra diz-me o coração que não devo deixar as princezas expostas aos lobos vorazes...

Noreddino (Impaciente.) — Mas, meu senhor...

Rei — Chiton! (Continuando.) — Aos lobos vorazes dos namorados, que podem aproveitar-se da minha ausencia para m'a pregarem mesmo na bochecha. Assim, pergunto: Que hei de eu fazer das princezas para partir sem cuidados lá para essas campanhas?

Duque — É caso grave! (Medita.)

Todos — Muito grave! (Meditam.)

Noreddino — Oh! meu senhor, ouça-me por quem é.

Rei — Deixa meditar o tribunal.

Duque — Com effeito, isto de mulheres...

Rei — A quem o diz você!

Duque — E mulheres moças, bonitas e ricas...

Rei — Ahi é que bate o ponto!

General — U... uma idéa.

Todos (*Maravilhados.*) — Ah!

Rei (*Áparte.*) — Que prodigio!

General — Eu não... não me devia metter nes... n'estes negocios de fa... familia.

Rei — Metta-se, general, metta-se, mas abrevie quanto podér contando com as pégas que ha de ter pelo caminho.

General — Pois ahi vae a... a minha idéa. Proponho que as prin... princezas sejam encarceradas no castello de Kleis... Kleis... não vae!

Duque — De Kleistokop!

General — Jus... justo. Que o castello seja interior e exteriormente rondado por patrulhas de kalumulanos...

Rei — Sim, não me parece mau!

General — Que dentro d'elle não se per... permitta o ingresso senão ao senhor No... No... Noreddino e ás pessoas por elle au... auctorisadas; que se exerça em sum... summa a mais activa vigilancia na pessoa das au... augustas princezas impedindo-lhe absolutamente toda a com... communicação para o exterior.

Duque — Maravilhoso!

Todos — Admiravel!

Rei — Magnifico! Tem sabor a selvagem, mas não perdia se levasse mais uma pitadinha de precauções. Noreddino...

Noreddino — Meu, senhor, ha meia hora que eu procuro fazer a vossa magestade uma communicação importante.

Rei — Pois espera outra meia, e ficarás com o par completo. Vou encarregar-te da segurança individual e collectiva das princezas. Não direi que faço a tua cabeça responsavel pelo que possa acontecer, mas se acontecer illudirem a tua vigilancia, a tua cabeça responderá! Agora vende o teu peixe!

Noreddino — Meu senhor, tarde me chega a palavra, porque me chega depois do brilhante discurso que a camara acaba de ouvir, sem esperança pois de poder captar a vossa attenção, apenas direi: Meu senhor e meu rei, as suas filhas caíram!

Rei (Attonito.) — Caíram?!... mas caíram... em que?

Noreddino — Em caír do coche que as conduzia a passeio.

Rei — E morreram?

Noreddino — Não, senhor. Estão vivas, vivinhas! Cada vez mais ladinas, espertas e traquinas, graças á dedicação com que o senhor duque de Horms se atirou de cabeça á cabeça dos cavallos, que, desenfreados, as íam... nos íam precipitando no abysmo!

Rei (Succumbido.) — Meus senhores, depois d'esta infausta participação eu não seria pae se não fosse abraçar os meus nénés! Noreddino, vem assistir a esta scena paterno-filial (Baixo.), e faze uma noticiasinha para os jornaes. (Sáe com Noreddino.)

General (Para o duque.) — A cou... cousa vae n'um sino!

Duque (Para o general.) — Elle, a final, é boa pessoa!

General — É.

Duque — E está por tudo que nós queremos.

General — Podéra! Para quem tra... trabalhâmos nós?

Duque (Sentencioso.) — Para a historia! (Sáem. Mutação.)

QUADRO TERCEIRO

O interior de um chalet. Profusão de flores em corbeilles e vasos. Ao centro um grande açafate, de fórma bizarra, onde está plantada uma tangerineira

SCENA I

LÉLIA, NOÉMIA, CASSILDA e AIAS

CÔRO DAS AIAS

No paço constou
com tal alarido
haverem morrido,
que tudo ficou
de queixo caído!
El-rei, ai, coitado!
chorando lentilhas,
puxava as prezilhas
bradando aterrado:
«Perdi minhas filhas!»
Que susto! que susto
nos deram, altezas!...
Que foi, que tiveram?
Dizei-nos, princezas

Lélia (Enfadada.) —

Não foi nada, não foi nada.

Cassilda (A rir.) —

Um pequeno trambulhão...

Noémia (A rir.) —

Leve foi cambalhotada...

Aias —

Que as deitou ao meio do chão!

Cassilda —

Ía a gente no trem descuidada
—tendo já no *buchinho* uma *chope* —
ao descermos porém a calçada...
a parelha desata a galope!

Noémia (Imitando o galopar dos cavallos.) —

Catrapuz, catrapuz, catrapuz!

Aias (Aterradas.) —

Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

Cassilda (Rindo.) —

E nós tres a fazer
o signal da cruz!

Noémia (Ás gargalhadas.) —

Quanto mais eu porém me benzia,
Tanto mais a parelha corria,
corria,
corria!

As tres —

Catrapuz, catrapuz, catrapuz!

ENSEMBLE

Aias —

Ai porém quanto mais se benziam
Tanto mais os cavallos corriam,
corriam,
corriam...
Catrapuz, catrapuz, catrapuz!

Princezas —

Ai porém quanto mais me benzia
Tanto mais a parelha corria,
corria,
corria...
Catrapuz, catrapuz, catrapuz!

Princezas (Empurrando as aias.) — E ora eis ahi está como o caso foi.

Lélia — E agora que já sabem todos os pormenores, deixem-nos um momento sós n'este chalet. Não nos aconteceu mal algum, bem vêem. Andem, vão-se. (As aias sáem.)

SCENA II

Lélia, Noémia e Cassilda

Lélia — Credo, que zanga!

Noémia — Que *arrelía!*

Lélia (Reprehensiva.) — *Arrelía,* não se diz, Noémia.

Noémia — Então porque?

Lélia — Porque é uma expressão muito baixa.

Noémia — O caso é que ainda não estou em mim do susto que tive.

Cassilda — Nem eu. E se não fosse aquelle rapaz que se *prantou ó diante*...

Lélia (Como acima.) — *Prantou ó diante,* não se diz, Cassilda! Ora que as meninas hão de estar sempre a golpear a lingua de seus paes, sempre a dar raias!

Noémia — E dar *raias,* diz-se mana?

Lélia — Certamente. É uma figura de grammatica de que se servem os melhores auctores.

Noémia (Para Cassilda.) — Mas como disse o Noreddino que se chamava o tal rapaz?

Cassilda (Querendo recordar-se.) — O aquelle... o... Ah! já sei, o duque Horms.

Lélia — Não o conheceram?

As duas — Não.

Lélia — É aquelle que uns poucos de dias me perseguiu com uma pertinacia e insistencia affrontosas! Elle não é feio, não, e se fôra principe... Mas um duque, um simples duque...

Cassilda — A mana Lélia ainda se *apéga* a teias de aranha.

Noémia — Por isso *a gente vamos* ficando para tias.

Lélia (Emendando.) — A gente vae, Noémia, não é *a gente vamos*. Que pessima grammatica a sua! Que martyrio! Mal acabo de emendar as asneiras de uma, tenho logo de corrigir os disparates da outra!

Noémia (Amuada.) — Ora era melhor que a mana me deixasse.

Cassilda — E é verdade; está sempre a pegar com a gente.

Voz de Pirilampo (Fóra, cantando n'uma toada pastoril.)

Ai não desdenhes, princeza,
tenra flor.
Vale bem pouco a realeza
sem amor!

Lélia (Que escutára desde o começo da copla.) — Não ouviram?

Noémia (Que chegou á janella.) — É um pastor que anda a apascentar ovelhas.

Lélia (Repetindo um verso.) — «Vale bem pouco a rea-

leza...» Parece que alludem a mim aquelles versos.

Pirilampo (Fóra.)

Um conde, é pouco, convenho,
p'ra casar;
Mas se melhor eu não tenho
p'ra te dar.

Lélia (Que escutou a canção.) — Não ha duvida, alludem. Atrevido!

SCENA III

Os mesmos e Pirilampo

Pirilampo (Apparecendo á porta do fundo em trajo de pastor.) — Suas mercês dão uma gotinha de agua a um pobre pastor, que anda a morrer de cansaço e de sêde?

Lélia — Que estavas tu a cantar?

Pirilampo (Rindo alvarmente. Entrando, modos desembaraçados e rudes.) — Pois vocemecê ouviu? Ah! ah! ah! Aquillo é a ballada da princeza orgulhosa, uma princeza que existiu n'outras eras; pelos modos, quando isto foi, ainda o mundo não era mundo, mas já existia Deus Nosso Senhor para a castigar. E foi bem feito! Pois então como é o seu geito? (Em tom humilde.) Dão uma pinguinha de agua ao pastorzinho, dão?

Cassilda — Mas o que fez a princeza para ser castigada?

Pirilampo — O que fez?... Ora essa! Fez... Olhe, lá o que ella fez não sei eu, porque nunca lá me vi nem me perdi, mas estou em dizer que

era uma delambida! E é que era! Aquillo desdenhava de todos os homens, que não eram lá da sua igualha. Em todos tinha que pôr, a lambisgoia! Cruzes, canhoto! T'arrenego de mulheres assim. Até fallar d'ella me mette arrelia! (Noémia ri-se.) De que está vocemecê a rir?

Lélia — Continúa, anda, deixa lá a mana.

Pirilampo (Amuado.) — Pois sim, senhora, mas diga áquella (Indica Noémia.) que não se esteja a rir de mim, porque eu bem sei que ella diz tantas asneiras como eu; (Para Cassilda.) e como você tambem!

Cassilda e **Noémia** (Indignadas.) — Atrevido!

Pirilampo — Dizem, sim senhor, dizem! Torne vocemecê a rir... e verá. (Deita a lingua de fóra.) An! (Voltando á historia.) Como ía dizendo, havia na côrte da tal princeza um conde ainda rapaz, que era lindo quanto os olhos podiam ver... (Lélia presta a maior attenção ao conto.) mas lindo, como deve de ser um homem, pois não é da lindeza dos bonequinhos, que a gente faz nas montanhas, que as mulheres devem gostar. (Fitando Lélia.) Morria por ella, o pobre do moço! Aquillo amava-a!... ai! com que amor elle a amava!... Perdêra o comer e o beber, e a ingrata nem reparava que o desgraçadinho se ía finando de dor! Vae então appareceu por aquelle tempo na côrte o principe Feroz, que era um principe muito poderoso, mas tão barbaro e tão feio... Sempre era tão feio o demo, que as creanças, apenas o viam, deitavam a fugir e a gritar: «Ó mãe, um bicho! ó mãe, um bicho!...» Lá o que entre os dois se passou, ninguem o soube; o que é certo é que, um mez depois, entrava ella na capella para casar com o principe, e ao entrar viu-se uma pombinha branca

bater as azas e saír pelas janellas do côro. Era a alma do desgraçado conde, que voava para o céu, entre córos de seraphins! (Humilde.) Dá uma gotinha de agua que estou com muita sêde, dá?

Lélia (A quem a historia tem feito impressão.) — E a princeza, que foi feito d'ella?

Pirilampo — A princeza, victima dos maus tratos do principe Feroz, expirava um anno depois n'um carcere maldizendo o seu orgulho e a sua cegueira! (Natural e humilde.) Dá-me uma gotinha de agua, dá?

Lélia (Com bondade.) — Não temos agua, pastor, bem vês.

Pirilampo — Paciencia. É o mesmo... (Áparte.) Consegui o meu fim. Agora medita e scisma, formosa princeza.

Lélia — Mas aqui perto, na encosta, tens uma fonte onde poderás mitigar a sêde.

Pirilampo (Alegre.) — Sim?... Pois vou já lá... que estou mesmo a morrer com seccuras. P'ra que vivam, minhas meninas! Deus Nosso Senhor as faça mais felizes do que á princeza orgulhosa. (Sáe a correr.)

SCENA IV

AS MESMAS menos PIRILAMPO

Cassilda (Vendo Lélia pensativa.) — Não lhe fez *aquella* a historia da tal princeza?

Lélia — O que é *aquella* não me dirá? A menina tem uma tal maneira de fallar...

Noémia — Ahi vem o papá, manas... Elle ahi vem.

SCENA V

Os mesmos, Rei e Noreddino

Rei (Entrando de braços abertos e expressão dramatica.) — Filhas das minhas entranhas!...

As tres (Abraçando-o e beijando-o.) — Papá! meu querido papá!

Rei — Então já sei que escaparam de boa... É bem feito! Quem as mandou metter em cavallarias altas? Façam como eu; andem a pé, que assim anda o sabio.

Lélia (Enfadada.) — Ora, papá, não venha massar a gente!

As duas — É verdade, não nos masse!

Noreddino (Áparte.) — Lá que ellas estão muito bem educadinhas... isso vê-se!

Rei — Ai! não masso, não! Descansem. O meu fim é outro. Não sei se ás meninas já constou que parto esta noite para a guerra á testa dos meus exercitos?

As tres — Ah! sim? Que pechincha, que pechincha! (Batem as palmas.)

Rei — Porque eu, por emquanto, vou na testa; mas em ellas começando a morder passo-me para a cova do ladrão, e não sáio de lá nem a cacete!... Antes porém de partir pensei seriamente no destino, que devia dar ás suas pessoas... porque, emfim, não era bonito deixar tres princezas por ahi á solta.

As tres — Como?

Lélia — Pois o papá não tem confiança nas suas filhas?

Rei — Tenho; mas confio muito mais nas minhas precauções. Conheço optimamente o sexo a que pertencem...

Lélia — O papá offende-nos!

Rei — Sei que ha tentações irresistiveis...

Lélia — Isso é revoltante!

Rei — Sei que a mulher é fragil, e a mim não me escapou que as meninas desataram ás palminhas apenas lhes disse que ía partir para a guerra. Logo, as meninas, tinham-na fisgada!

Lélia — E ser o proprio pae que assim nos insulta!

Rei — É barbaro, é atroz, é inaudito! mas eu confirmo o que disse: sei as filhas que tenho, e conheço os tempos em que vivo. Resolvi pois, meninas, encerral-as no castello de Kleistokop, emquanto durar a guerra.

As tres (Horrorisadas.) — No castello de Kleistokop!

Rei — Terão o castello por homenagem, e hão de ser tomadas todas as precauções para que lá não entre folego vivo, á excepção de Noreddino, — unica pessoa com quem lhes é licito aborrecerem-se, — e das pessoas, cuja entrada elle auctorisar. É elle quem fica responsavel pelas meninas.

Noreddino — Mas, meu senhor, eu já disse pelo caminho a vossa magestade, que resignava similhante honra. Vossa magestade sabe lá o que é guardar tres meninas, que têem lume no olho?

Rei — Mas então o que hei de fazer? Queres que as leve nos bolsos?

Noreddino — Não sei. Lá sem responsabilidade de especie alguma não duvido tomar conta das

princezas. Porque não me dá vossa magestade um auxiliar qualquer, uma pessoa de confiança... (Sáe do açafate a fada dos crystaes.)

Fada — Aqui estou eu, Noreddino!

Todos — A fada dos crystaes!

Rei (Baixo a Noreddino.) — E eu que não me lembrava da minha comadre! (Alto.) Poderosa e excelsa fada... (Curva-se.)

SCENA VI

Os MESMOS e a FADA

Fada — Ergue-te, meu amigo, ergue-te.

Lélia (Ás irmãs.) — Estamos arranjadas!

Fada (Ao rei.) — Em vão procuras salvar estas innocentes ovelhinhas.

Cassilda (Para Noémia.) — Ovelha será ella!

Rei (Picado.) — Ovelhinhas?

Fada — Pois então.

Rei — Mas, n'esse caso, eu, pae d'ellas, sou...

Fada — Tu és uma excellente pessoa, nada mais.

Rei (Baixo a Noreddino.) — É muito inconveniente esta mulher.

Noreddino (Idem ao rei.) — Então que quer? Esta gente tem o maldito costume de chamar ás cousas pelos seus nomes...

Fada — Debalde procuras salval-as das garras dos lobos vorazes. Se Cupido chega a disparar sobre ellas as suas settas...

Rei — Pois ahi está, sublime fada, dos *et caeteras* de Cupido é que eu tenho medo.

Fada — Só ha um meio de evitar os maus pen-

*

samentos e frustrar a influencia dos espiritos malignos, é o trabalho!

Rei — Ouvem, meninas? Noreddino, manda comprar linha para as princezas me fazerem piugas.

Fada (A um aceno da Fada apparecem no tronco da tangerincira tres rocas de vidro.) — Aqui tem cada uma das princezas esta roca de crystal. (Dá uma a cada uma d'ellas.) Emquanto as trouxerem á cintura e d'ellas fizerem uso, nada terás que temer por tuas filhas; serão invulneraveis ao amor; mas, se por um só instante d'ellas se separarem, e se por incuria das princezas as rocas se partirem... ai d'ellas! soffrerão castigos atrozes!

Rei (Para as princezas, afflicto.) — Meninas, meninas, cuidado com a louça que é de vidro!

Noreddino (Áparte.) — Eu estou a lavar-me em agua de rosas!

Fada — Entretanto não deixes de adoptar a serie de precauções a que ías recorrer.

Rei — Parece-lhe então que faço bem em encerral-as?

Fada — E confial-as á guarda de Noreddino, certamente.

Noreddino (Áparte.) — Se eu fallei antes de tempo!

Fada — E para que elle possa conjurar qualquer perigo extraordinario, vencer qualquer estouvado, que porventura queira approximar-se das princezas, aqui lhe dou este talisman de poder limitado, mas sufficiente para castigar o atrevido que tal ousar.

Noreddino (Recebendo o talisman.) — Oh! excellentissima fada!... (Guarda o talisman.)

Fada — Agora, adeus.

Rei — Quando quizer, prodigiosa fada, esta casa fica sempre ás suas ordens. Nós, ordinariamente, recebemos uma vez por semana. Meninas, despeçam-se da senhora fada.

As tres (Submissas.) — Senhora fada!

Fada — Adeus, minhas perolas, adeus. (Afunde-se.)

Rei (Á maneira que ella se submerge.) — Desculpe, comadre, se não vou acompanhal-a; mas pelo que observo a senhora sabe muito melhor do que eu os cantos á casa. (A fada tem-se afundido.) Ora até que posso partir descansado!

As tres (Raivosas, com menção de partirem as rocas.) — Á nossa vontade...

Rei (Oppondo-se.) — Então, meninas! ai, ai, que eu chamo a senhora fada. (Áparte.) Esta idéa das rocas palpita-me que ainda lhes dá na cabeça! (Ouvem-se fóra sons de clarim.) Estes sons annunciam-me que os corpos dos nossos exercitos começam a reunir em corpo! Filhas, vou armar-me para a batalha! para as cem batalhas! para as mil batalhas! Vou ser finalmente grande! Tratem pois de ir arranjar-se, porque, antes de eu partir, hão de rodar adiante de mim para o castello de Kleistokop! Eu já volto. (Sáe. Apenas o rei sáe, as princezas saltam em Noreddino a quem fazem tratos de polé.)

SCENA VII

Os MESMOS menos o REI

Lélia — O que tu precisavas, era que nós te arrancassemos a pelle.

Noreddino — Princezas, senhoras...

Lélia — Para que entraste com medo de ficar só com a gente? Poltrão!...

Noémia — Banazola!

Cassilda — Patarata!

Noreddino — Está bom, está bom!... bater é que não vale...

Lélia — A minha vontade era arrancar-te um olho!

Noémia — E eu outro!

Cassilda — E eu a penca!

Noreddino — Mas isso é cobardia, isso é abusar da força bruta... Quem me acode... soccorro... (Deita a fugir.)

Lélia — E agora o que ha de ser de nós?

Noémia — Encarceradas sabe Deus por quanto tempo!...

Cassilda — E com este pespego á cintura... (Indica a roca.)

Noémia — Não podendo conversar senão com o insipido Noreddino.

Lélia — Eu antes quero conversar com os meus botões. Ai! que vida! que supplicio! (Cáem da arvore tres tangerinas.) Ah! caíram tres tangerinas!

Cassilda (Apprehensiva.) — E logo tres...

Noémia — É uma para cada uma de nós. (Cada uma agarra a sua tangerina.)

Lélia — Eu por mim não parto a minha.

Cassilda — Nem eu.

Noémia — Pois eu já a parti... (Encontra dentro um bilhete.) Ah!

As duas — O que é?

Noémia — Dentro da tangerina estava um bilhete...

Lélia — Ora essa!

Cassilda — E o que diz?

Noémia (Lendo.) — «Se quereis ser livres, amae!»

Cassilda — Se a minha tangerina dirá o mesmo?...

Lélia — E a minha? (Partem as tangerinas e encontram bilhetes iguaes.)

Cassilda e **Lélia** (Lendo ao mesmo tempo.) — «Se quereis ser livres, amae!» Ora esta!...

Cassilda — Isto é muito bom de dizer.

Lélia — Mas amar como? amar a quem?

Horms (O busto do duque apparece ao fundo, direita. Dentro.) — A mim Lélia.

Lélia (Vendo-o.) — Elle!

As duas — O duque Horms!

Horms (O busto desapparece rapido para reapparecer na parede do fundo, esquerda.) Só a mim. (Desapparece.)

Lélia (Que o vê pela segunda vez.) — Sempre elle! Que tentação diabolica! Pois não, não quero, não hei de amal-o.

SCENA VIII

Os mesmos, o Rei e Noreddino

Rei (Armado até os dentes.) — Meninas, vou partir! Para evitar soalheiras resolvi fazer a marcha de

noite. Toca pois para o castello! Hei de escrever-lhes a miudo para lhes dar conta do que por lá se passar. Se quizerem alguma cousa de mim escrevam-me pelo correio, e não se esqueçam de estampilhar as cartas. Agora, adeus, amadas filhas.

As tres — A bençâo, papá! (Beijam-lhe a mão.)

Lélia — Obedecemos ás suas tyrannicas ordens, e fazemos votos para que volte cedo da guerra.

Rei — Acredito na espontaneidade d'esses votos, poisque quanto mais cedo regressar, mais cedo serão livres! Bem vêem que as conheço! Abraçae-me! (Abraça-as limpando depois uma lagrima.) Paguei á natureza o meu tributo. Estou satisfeito commigo mesmo! Noreddino, lá para diante com as princezas, e olho á mira!... Partâmos! (Sáem. Mutação.)

QUADRO QUARTO

Uma praça. Aos lados, edificios com janellas praticaveis povoadas de espectadores. Ao fundo, o palacio real tendo ao centro uma porta com escada semi-circular, que dá para a scena. Todos os edificios estão brilhante e variadamente illuminados. A illuminação do palacio real é deslumbrante. Á mutação a scena é invadida pelo povo. As janellas estão ou começam a estar povoadas.

SCENA I

ESTUDANTES, COLMACK e POVO

CÔRO

Grande monarcha
mui temido
e q'rido,
que commandas
mandas
por esse mundo alem!
N'este dia fausto,
hymno novo
o povo
com dilecto
affecto
endereçar-te vem!

SCENA II

OS MESMOS, HORMS e PIRILAMPO embuçado em uma longa capa escarlate

Pirilampo (Que dá o braço a Horms.) — Tem esperança. A partida de el-rei é menos um obstaculo. E se

não posso introduzir-me no castello, que as encerra, nem por isso deves desanimar. Todo o caminho vae a Roma, e eu conheço mil atalhos, que conduzem ao coração das mulheres.

Colmack (Vendo Horms, para os seus.) — Olhem, olhem, lá está elle. (Os estudantes dirigem-se a Horms.)

Horms — Meus senhores, apresento-lhes um amigo, valente como as armas, e astucioso...

Pirilampo — Como cem mulheres.

Colmack (Estendendo-lhe a mão.) — O seu nome?

Pirilampo — Hoje sou o conde Lucifer.

Colmack (Rindo.) — E ámanhã?...

Pirilampo — Ha alguem que possa contar com o dia de ámanhã?

Uma voz — Lá vem o rei! lá vem!

SCENA III

Os mesmos, Rei, General, Duque
e Officiaes superiores

Todos — Viva o rei! (O rei monta um poney e vem acompanhado de um brilhante estado maior. Chegado ao meio da scena, pára e diz para o general Schoffre.)

Rei (Para o general.) — Fallo d'aqui?

General — Po... pois!

Rei — Senhoras, senhores e mais pessoas dos tres sexos, que me escutaes. Antes de partir para dar uma escovadella no rei da Ilha Verde...

Todos — Viva!

Rei — Mau! Se querem que elle viva escuso de lá ir... Figuras tristes é que eu não faço!

Duque — Continue, meu senhor...

Rei (Ao duque.) — Continuo e acabo. (Em altos brados.) Povo do sexo masculino, feminino e neutro, vou partir!

Todos (Com enthusiasmo.) — Viva! viva!

Pirilampo (Para Horms.) — O povo no seu enthusiasmo nem sabe a que dá vivas.

Horms (Para Pirilampo.) — É a perfeita imagem das creanças!

Rei — Adeus pois, ó povo!... adeus, que eu parto! (Puxa de um lenço e dezanda a dizer adeus. Toda a gente que está na praça e nas janellas corresponde aos adeuses do rei, e o povo enthusiasmado e louco dá vivas por uma pá velha. Impondo silencio á multidão.) Basta! Agora afastem-se, deixem passar os meus exercitos. (O povo afasta-se. Começam a desfilar as tropas. Marcha grutesca. Uma banda marcial vem na testa do primeiro batalhão. Delirio do povo que sauda os bravos. Das janellas lançam-lhes flores. No meio d'aquelle charivari, distingue-se a voz sonora do rei bradar.) Quebra canto, mia gente!... (Animação, vida, movimento. Por entre os sons da banda e orchestra, distinguem-se as vozes dos officiaes, que commandam pelotões. Cáe o panno.)

ACTO SEGUNDO

QUADRO QUINTO

O exterior do castello de Kleistokop, cujas muralhas, formando angulo, occupam o fundo da scena. Ao fundo, centro, uma larga janella praticavel. Á esquerda, pinheiral.

SCENA I

SOLDADOS KALUMULANOS e um OFFICIAL

(Entram pela esquerda, em passo miudo e grutesco, descrevendo a curva, que formam as muralhas do castello; depois, estendem em linha, na frente do proscenio. Cada soldado traz sobre o ventre um pequenino tambor, que funcciona por meio de manivella.)

CÔRO

N'um paiz onde a policia,
é tão pobre como Job,
desculpar é que a policia
muitas vezes faça (Bocejam.) ó... ó!...
Mas lá d'isso ninguem cura;
da policia não ha dó;
e eis ahi por que a policia
muitas vezes faz (Bocejam.) ó... ó!...

(A ultima parte do côro é cantada sem poderem já resistir ao somno.)

Official (Findo o côro e depois de um momento de silencio.) — Soldados... bis, bis!... (Recomeça o côro; d'esta vez, porém, é apenas resmoneado. Os soldados, encostados ás espingardas, vão gradualmente adormecendo. Aos ultimos compassos do côro todos dormem e resonam profundamente.)

SCENA II

Os mesmos e Noreddino

(Noreddino sáe pela porta do fundo, que fecha sobre si. No acto de a fechar, a porta, que simula ser de ferro, range nos gonzos e desperta os soldados.)

Official (Acordando e bradando como possesso.) — Ás armas!... (Os soldados acordam sobresaltados e collocam-se em posição defensiva. Os tambores tocam desesperadamente a rebate.)

Noreddino (Tapando os ouvidos.) — Ih! que charivari! que inferneira!

Official (Reconhecendo Noreddino.) — Ah! É o senhor Noreddino. (Os tambores cessam de tocar. Tanto o official como os soldados tranquillisam o seu espirito.)

Noreddino — Pois quem, senão eu, tem o direito, a auctoridade, o poder de entrar e saír do castello?

Official — N'esse caso acho inutil occuparemnos em policial-o exteriormente.

Noreddino — Inutil acho eu a sua observação. É preciso que o senhor official saiba que, n'este paiz, os militares não pensam, não raciocinam, não indagam os porquês das cousas; os militares... obedecem; os militares... são paus mandados! É boa esta! Eu bem sei que o castello está perfeitamente defendido pelo condão da fada: «Quer seja por sortilegio, quer pela astucia, quer pela força, ninguem lá poderá entrar sem consentimento de

Noreddino», disse ella. Entretanto redobro a todas as horas de vigilancia e precauções.

Official — E as princezas, o que dizem a isso?

Noreddino — Que hão de dizer? Resmungam, rosnam, ralham, mas resignam-se! Tomára eu já que el-rei voltasse da guerra. Não tenho um momento de meu. Sua magestade massa-me com telegrammas. Por economia de tempo, e para maior brevidade na recepção dos despachos e na transmissão das respostas, trago á cabeça um apparelho telegraphico, que me põe em communicação directa com o de sua magestade. Ha cinco minutos, se tanto, recebi eu um telegramma de el-rei, pedindo-me roupas brancas. (N'este momento ouve-se tocar a campainha electrica do apparelho, que elle traz montado á cabeça, e que lhe serve de chapéu.) Lá está el-rei a chamar-me outra vez. (Abre a sua grossa bengala em fórma de tripeça e assenta sobre ella o apparelho telegraphico.) Vou dizer-lhe que póde transmittir-me as suas reaes ordens. (Dá uma ou duas voltas com a manivella do taboleiro.) Verá como nos entendemos. (O ponteiro do registo alphabetado começa a girar, e, á maneira que vae marcando as palavras, vae Noreddino pronunciando-as.) *Princezas, boas?...* (Para o official.) Coitado! está com cuidado nas filhas. (Dando á manivella e repetindo as palavras, que transmitte.) Menos más. Preço do meio... (Para o official.) Não se póde dar resposta mais resumida e mais expressiva. (O ponteiro do registo torna novamente a girar e Noreddino repete como acima.) *Mil, cautelas.* (Sem perceber.) Mil cautelas?... Quererá el-rei pôr casa de cambio?

Official — Talvez seja estanco.

Noreddino (Dando á manivella e repetindo.) — De que preço? (Para o official.) Vou apostar em como as quer de pinto. (O ponteiro do registo torna a girar, etc.) *Estupido,*

cautelas, pequenas. (Para o official.) Pois enganei-me! é de 25 que elle as quer. (Dando á manivella, etc.) Sim, senhor. Mais nada? (O ponteiro do registo torna a girar, etc.) *Manda, alecrim, muito.* (Sem perceber.) Alecrim? Tem lembranças! Ora para que quererá elle alecrim?

Official — É verdade, para que será?

Noreddino — Mania! (Colloca o apparelho á cabeça e fecha a bengala.) Vou satisfazer as reaes ordens e volto já para o meu posto. (Sáe pelo fundo. A ronda sáe pelo primeiro plano da esquerda. Quando Noreddino vae a saír abre-se a janella da torre. Apparecem as tres princezas. Cada uma d'ellas traz a sua roca á cintura. Noreddino, vendo-as, comprimenta-as respeitoso.) Serenissimas meninas...

As tres princezas (Com arremesso, deitando a lingua de fóra.) — An!

Lélia — Algoz!

Noémia — Carrasco!

Cassilda — Verdugo!

SCENA III

LÉLIA, NOÉMIA e CASSILDA

Cassilda — Ainda que, a fallar a verdade, se a gente *estamos* aqui...

Lélia (Emendando.) — Se a gente está, Cassilda. Que tormento! Eu digo ao papá que as mande para a mestra.

Noémia — Pois sim, mas se a gente está aqui clausurada a culpa não é d'elle. Se o papá tivesse mais confiança nas suas filhas...

Lélia — Quem souber da nossa reclusão dirá que somos umas namoradeiras, umas doidas.

Noémia — E a final de contas a gente não tem nem um derriço!

Lélia (Emendando.) — Namoro, menina, — namoro. Derriço é um plebeismo, que fica mal em bôca de princezas de sangue.

Noémia — Lá começa a mana a sovinar-me. Ora que é boa! (Assentam-se a fiar.)

Cassilda — Ai! que triste vida!

Noémia — Sempre com este pespego á cinta!

Lélia — E ai de nós se ellas se quebrarem! Lembrem-se da prophecia da fada.

Noémia — Bem me importa a mim a fada!

Cassilda — E mais a mim!

Lélia — Aposto que dão mais fé ás palavras que se liam n'aquelles bilhetes, que estavam dentro das tangerinas?

Noémia — Quaes? aquelles em que tinham *escrevido*...

Lélia (Desesperada.) — Ai! que inferno! Não é escrevido que se diz, Noémia. (Gritando-lhe ao ouvido.) É escripto... escripto!

Noémia — Pois sim, não sabia; mas aquelles em que tinham escripto se quereis ser livres... amae?

Lélia — Esse mesmo!

Noémia — Ai! se damos! Não é verdade, Cassilda?

Cassilda (Bocejando.) — Eu sei lá! Cá para mim tanto se me dá como se me deu.

Noémia — Sempre estás uma *panga!*...

Cassilda — Não sejas atrevida, Noémia! (Levantam a mão uma para a outra.)

Noémia — Dá, anda.

Cassilda — Dá tu primeiro... e verás.

Lélia — Então, meninas; tenham juizo. (Accommodam-se e assentam-se.)

Lélia —

Rocasinha da minha alma
não te quero ver quebrada;
pois o meu ao teu destino
preso está por mão de fada.

Cassilda —

Faz-nos tu, roca, se pódes
saír já d'aqui p'ra fóra.
Se poder tens feiticeiro
mostra o teu poder agora.

Noémia —

Eu por mim só peço, roca,
— tal pedido não te masse —
que me dês noivo que saiba
ensinar-me bem syntaxe.

As tres —

Ai! roca, roca
de mago condão;
o teu linho, roca,
não tem fim, ai! não!
Rocasinha da minha alma,
não te quero ver quebrada;
pois o meu ao teu destino
preso está por mão de fada!

SCENA IV

AS MESMAS, assentadas á janella, PIRILAMPO e FRANZ

(Franz, de mendigo cego. Pirilampo, de moço de cego. Ambos com panderetas. Entram pelo primeiro plano, esquerda.)

Franz (Baixo para Pirilampo.) — Ora não fará favor de me explicar para que nos disfarçámos assim?

Pirilampo (Baixo.) — Cala-te. Já te disse que, para entrar n'aquelle castello, defendido pelos maleficios da poderosa fada dos crystaes, é necessario o consentimento de Noreddino,—e que, para o alcançar é mister possuir um objecto em que hajam tocado as mãos da pessoa que tem de ser victima dos meus sortilegios. N'este caso, pois, trato de obter seja o que for, que tenha passado ou passe pelas mãos da princeza Lélia.

Franz (Baixo.) — Então a tal fada é muito poderosa?

Pirilampo (Idem.) — Bastante; mas felizmente não sabe usar do immenso poder que o rei dos genios lhe outorgou. Vamos. Desempenhemos o nosso papel de mendigos hespanhoes. Conheces a lingua de Cervantes?

Franz — Só de ouvido.

Pirilampo (Subindo e dirigindo-se ás princezas.) — Una limosnita para el pobrecito ciégo que ha perdido con la vista la alegria de su vida.

Franz (Com voz cava e guttural, repetindo as ultimas syllabas.) — De su vida.

Noémia — Olha, olha, são dois *proves!*

Lélia — Cale-se, Noémia! Isto faz perder a paciencia! É pobres que se diz, estupida!

Pirilampo (Indo debaixo da janella e acenando com o pandeiro.) — Pscht, mira, señoritas, mira. Tened compasion del cieguicito.

Franz (Como acima.) — Cieguicito.

Noémia — Ó rapaz, aquelle é teu pae?...

Pirilampo — Si señora, lo es. (Para Franz.) No es verdad, padre mio?

Franz (Como acima.) — Si, hijo de mis entrañas.

Cassilda — Tu sabes cantar?

Pirilampo — Si señora. Se lo quiéren oir...

Cassilda — Pois sim, se queres esmola has de cantar alguma cousa que nos *advirta.*

Lélia (Prorompendo.) — Ó Cassilda, já basta de disparates.

Cassilda (Amuada.) — Ora que *ódiante* da mana não se póde fallar.

Noémia — Deixem ouvir. Anda lá, pequeno, canta, canta.

SEVILHANAS

Del balcon de tus ojos di una caida;
no puedo levantarme si no me miras.
Me he levantado,
es señal que tus ojos ya me han mirado.

Se piensas dar-me envidia te llevas chaseo,
que ya el ramo de novias esta barato.
Yo nada pierdo...
porque eres ángel mio muy rete féo.

Lélia — Bonita canção!

Cassilda — Eu, por mim, achei-a linda.

Noémia (Atirando-lhe dinheiro.) — Pega lá, ó aquelle.

Cassilda (Idem.) — Ahi tens, rapaz.

Pirilampo (Dirigindo-se a Lélia.) — Y usted, señorita?

Lélia — Minhas irmãs já te deram esmola, que mais queres?

Pirilampo — La de usted tambien.

Lélia — Tem paciencia. Não trago dinheiro commigo.

Pirilampo — És lo mismo... (Fazendo muitos comprimentos.) Gracias, señoritas, gracias!...

Franz (Como acima.) — Gracias, señoritas, gracias! Gratias agamus ad nos... (Áparte, caindo em si.) Ai! julguei que estava a ajudar á missa. (Descendo com Pirilampo.) Ficámos logrados. Não trazia dinheiro. Aquella tem typo de quem, quando for velha, só ha de tomar rapé... da caixa alheia.

Pirilampo (Comsigo proprio.) — Acabemos com isto. (Invocando.) Horms, pelo immenso poder de que disponho, ordeno que te transformes em ave de plumagem azul e oiro e vás pousar no peitoril d'aquella janella, junto da princeza Lélia. (Apparece immediatamente uma ave conforme as indicações de Pirilampo.)

As tres princezas (Assustadas.) — Ai!...

Noémia — Que lindo passarinho.

Cassilda — E não tem medo de nós.

Pirilampo (Para Franz.) —Vês aquella ave?... É teu amo, o duque Horms.

Franz (Incredulo.) — Ora!...

Pirilampo (Áparte, como acima.) Horms, rouba á princeza uma perola, um enfeite, uma flor, qualquer cousa em que as suas mãos hajam tocado. Ordeno, quero eu!

Lélia (Affagando a ave.) — Mas porque me acaricias tanto? És mensageira de boas novas ou vens annunciar-me alguma desventura? (Chega a si a ave, e esta, aproveitando o ensejo, arranca-lhe uma flor da cabeça; depois levanta vôo e foge levando-a no bico.) E então?! não me roubou ella uma flor! (As tres, debruçadas na janella, seguem com os olhos a direcção que tomou a ave.)

Pirilampo (A Franz.) — Triumphei! Aquella flor, nas minhas mãos, vale por um talisman! Agora será o proprio Noreddino que nos ha de franquear entrada no castello. Vel-o-has. (Ambos saindo e despedindo-

se d'ellas com os chapéus.) Adios, señoritas, hasta la mañana...

Franz (Como acima.) — De la mañana... (Áparte.) Outro que tu cá não vejas. (Sáem.)

SCENA V

As MESMAS, menos FRANZ e PIRILAMPO

Noémia — Olha, olha!... (Apontando.) Ih! como vae longe!...

Cassilda — *Ena!*... em que altura ella vae!

Lélia — Vamos para dentro, meninas, tem arrefecido muito.

Noémia — É verdade! Sempre está um *taró*.

Lélia (Horrorisada.) — Credo! abrę nuntio! (Severamente.) Tire-se da janella, Noémia. A menina e sua irmã são a vergonha da minha cara. *Taró!*... pois isso é palavra que se profira?

Noémia (Choramingando.) — Ora isto... isto...

Cassilda — Ai! não chores. Deixa-a lá, que ella gosta de andar sempre a implicar com a gente. T'arrenego! Está como os malsins; — por tudo péga!...

Lélia (Fechando a janella.) — Para dentro já. (Sáem.)

SCENA VI

NOREDDINO depois a RONDA

Noreddino (Vindo da esquerda, primeiro plano, e dirigindo-se a correr para a porta do fundo, que elle abre.) Augustas princezas, meninas augustas, chegaram cartas do papá!

(Entra; a ronda reapparece, cantando, sem acompanhamento de orchestra, a primeira parte do côro da abertura. Mutação.)

QUADRO SEXTO

O interior da torre em que as princezas estavam no quadro antecedente

SCENA I

Noreddino (Entrando apressado.) — Altezas, meninas, serenissimas... (Procurando por todos os lados.) Onde estarão as reaes prendas?... Mais noticias de el-rei!... noticias maravilhosas... estupendas!... (Chamando.) Augustissimas princezas, altezas serenissimas...

SCENA II

O mesmo e Noémia

Noémia — Eia! que berraria! O que é, o que tens, o que aconteceu?

Noreddino — Trago grandes novidades! Recebi agora noticias de el-rei! mas que noticias!... (Com assobio prolongado, como que para indicar a importancia d'ellas.) Ardo em desejos de as communicar a vossa alteza e ás serenissimas manas. Que façanhas, princeza! Os nossos exercitos... (Com enthusiasmo.) Oh! Altissima! onde chegam os nossos exercitos... Oh! serenissima! vê-se que chegaram os nossos exercitos! (Chamando.) Princezas, princezas...

Noémia (Chamando por outro lado.) — Manas, manas...

Venham cá. Chegaram os nossos exercitos!... elles lá vem victoriosos!... já se lhe avistam os *cacurutos* dos pennachos!...

Noreddino — Que está a dizer, princeza?

Noémia — Pois tu não disseste que tinham chegado os nossos exercitos?

Noreddino — Eu, não senhora. (Chamando.) Princezas, altezas, magnanimas vergonteas de um tronco frondoso... (Vindo a Noémia.) O que eu disse, na força do meu enthusiasmo, foi: «Onde chegam os nossos exercitos... vê-se que chegaram os nossos exercitos!»

Noémia — Ahi está, vês?... Tu mesmo o estás dizendo,— chegaram os nossos exercitos! Eu bem sei que não sou muito esperta, que sou assim *bronca,* como diz a mana Lélia, mas até ahi ainda chega o meu bestunto.

SCENA III

Os mesmos, Cassilda e Lélia

Lélia (Que ouviu as ultimas palavras de Noémia.) — Lá está ella! Em abrindo a bôca diz por força disparate.

Noreddino — Grandes novidades, minhas senhoras! Recebi importantes noticias do theatro da guerra! O papá de vossas altezas principescas tem feito cousinhas do arco da velha!

Lélia — Chegaram pelo telegrapho, as noticias?

Noémia — O papá dá gasto aos fios! (A medo para Lélia.) Ó mana, elles são fios ou arames?

Lélia — São fios de arame.

Cassilda — Ah! E os fios de arame são de guita?

Lélia — São linguas de perguntadoras. As meninas parecem idiotas.

Noreddino — Mas ouçam, minhas senhoras, ouçam.

Lélia — Alguma victoria, já sei.

Noreddino — Alguma?... algumas! Dez victorias de uma vez!... Seu papá em *victorias* não usa de meias... medidas! (Com enthusiasmo.) Oh! gloriosississississi... (Tanto quer estender o superlativo, que se atrapalha.)

As tres princezas (Pondo as mãos na cabeça.) — Eia!!

Noreddino — Bem sei que este superlativo sáe fóra das marcas grammaticaes; mas, para o meu rei, não ha superlativo com dimensões sufficientes! (Com enthusiasmo.) Oh! meu rei! tu merecias um superlativo do teu tamanho, porque tu és superlativamente grande e grandissimamente superlativo! Dez victorias, dez! (Como na Gran-duqueza.) Ellas são dez, dez, dez!... São já oitocentas victorias com oitocentos milheiros de carécas! Quando seu papá perde as estribeiras... ninguem lhe tem mão! Ouçam a carta de el-rei, realissimas meninas, ouçam. (Lendo a carta.)

Noreddino,
meu escudeiro.
Vá, repica,
se não fica
este feito,
nunca feito,
no tinteiro.

Dez batalhas, — não é bolho! —
eu ganhei em menos tempo
do que o demo esfrega um olho!

Assim, pois,
com malicia,
tal noticia
vê se espalhas
pelas gralhas
dos jornaes,
e diz mais, — não é baléla! —
que, adiante do teu rei,
outro rei bateu canela! (Dobrando a carta.)
Teu amigo, que pelo nome
não perca,
João Fernandes Mathias
d'Alverca.

(Declamando.) Então que me dizem a isto, minhas senhoras? Não acham que é caso virgem na historia das nações?... (Cantando.)

Dez batalhas de uma vez!
Isto ainda ninguem fez!
Mas, perdão, lá me esquecia
que p'ra vós tambem trazia
uns bilhetes do papá...

As tres princezas (Recebendo as cartas, que Noreddino lhes entrega.)

Dá cá, dá cá.

Cassilda (Abrindo a sua carta e lendo-a.) —

1.ª COPLA

Não sabe, Cassilda? dormi hoje a sésta
em val' de lençoes;
e 'stive a sonhar que a Lélia lhe cresta
os seus caracoes.
Seu pae, que a estima e só beija na testa...
fulano d'anzoes. (Guardando a carta e rindo.)

Oh! que disparate
tamanho e tão tolo!
O pobre papá
está mal do miolo!

Noémia (Lendo a sua carta.) —

2.ª COPLA

Rompi de manhã a calça encarnada
no sitio do coz;
remetta-me pois uma agulha enfiada
em linha ou retroz,
e dê-lhe nas pontas, já que é tão prendada,
trinta ou mais nós. (Guardando a carta e rindo.)

Oh! que disparate, etc.

Lélia (Lendo a sua carta.) —

3.ª COPLA

Menina, o meu tempo não chega p'ra nada...
nem p'ra me coçar!
a guerra cruel, que trago empenhada,
tomára acabar,
pois ando ha cem dias com a telha fisgada
d'um banho tomar. (Guardando a carta e rindo.)

Oh! que disparate, etc.

(Quando termina o refrain ouve-se fóra, parecendo ser por baixo da janella, sons de tambor, e, ao mesmo tempo, a voz de Pirilampo bradar.)

Pirilampo (Fóra.) — Arrivez, messieurs, arrivez donc.

Noémia — Não ouvem?

Cassilda — Que será? (Correm á janella.)

Lélia — Ah! é um prestigiador.

Noreddino — Sim?... Ainda bem! péllo-me por ver trabalhar esses nigromantes. (As princezas espirram ao mesmo tempo. Ouve-se o vento assobiar com força.) Bonito! Lá se constiparam vossas altezas! Se elle faz tanto vento!... Fechem a janella, minhas senhoras, fechem a janella.

As tres princezas (Oppondo resistencia e batendo o pé.) — Não senhor, não fechâmos.

Noémia — Queremos ver trabalhar os homens, apre!

Lélia — Bem basta a nossa clausura!

Noreddino — Mas eu estou responsavel pela vida de vossas altezas...

Lélia — Melhor!

Noreddino — E se apanharem algum catarrho que as rape?

Cassilda — Deixe-o rapar!

Lélia — Oppomo-nos a que se feche a janella.

Noémia — Constituimo-nos em... (Para Cassilda.) Como é que se diz agora, mana? (Recordando-se.) Ah! já sei! Constituimo-nos em gréve e não cedemos nem á força bruta.

Noreddino — Pois está bom, pactuemos. Consintam que se feche a janella, e deixarei entrar os homens dentro do castello para trabalharem na presença de vossas altezas. Não vou n'isto contra as ordens do seu real papá, nem contra as recommendações da fada, uma vez que me deixaram o arbitrio de permittir ou recusar a entrada a quem me parecesse. Estão por isto?

As tres princezas (Muito contentes.) — Sim, sim, estamos! (Fazendo-lhe festas.) Coitadinho do Noreddino!... coitadinho d'elle!...

Noreddino — Fazem de mim o que querem. Se eu vi-as nascer! (Sáe.)

SCENA IV

As mesmas menos Noreddino

Lélia — Estou a sentir tanto frio!

Cassilda — Eu tenho já a ponta do nariz tão aquella...

Noémia — Tambem eu tenho os dedos que parecem *grelados*.

Lélia (Emendando.) — Gelados, menina; não é grelados que se diz. Nunca vi uma Bernarda assim!

Noémia (Amuada.) — A mana tambem está sempre a chamar-me nomes.

Cassilda — Esta moda ha de acabar um dia.

SCENA V

As mesmas Noreddino, Pirilampo e Franz

Pirilampo e **Franz** (Em trajo de prestigiadores. Franz traz um pequeno cesto com os objectos necessarios para as sortes. Cortejando gravemente as princezas.) — Princesses!...

Pirilampo — Avant de commencer mes travaux je dois vous dire que...

COUPLET

Je suis le célèbre physique
de grand renom!
Je suis le grand, je suis l'unique
Robin-Luron!
Ohé!
Voyez donc!
Je suis le gentil
Robin-Luron!

Pirilampo e **Franz** —

Lu... lu, lu... lu,
Robin-Luron!

Pirilampo —

J'aime l'étude de la magie,
et, dans l'ardeur de mes vingt ans,
toujours et partout j'étudie
l'art merveilleux du père Hermann!

En fait d'amour je me proclame
très-érudit, et dès demain
sur le chapitre de la femme
prêt à passer mon examen.

Escamoteur, moi j'étudie
tout ce qui peut charmer la vie,
mais surtout avec frenesie
nuit et jour
j'étudie
la magie.

(Declamando.) Car, je l'ai dit déjà, moi, tres chères et tres hautes princesses,

Je suis le célèbre physique
de grand renom!
Je suis le grand, je suis l'unique
Robin-Luron!
Ohé!
Voyez donc!
Je suis le gentil
Robin-Luron!

Pirilampo e Franz —

Lu... lu... lu... lu,
Rubin-Luron!

Pirilampo — Ainsi donc, princesses, je commencerai mes petits travaux...

Noreddino (Interrompendo-o.) — Olhe lá, se não lhe fosse penoso fallar outro idioma... É que eu e suas altezas tomámos a sua lingua entre dentes.

Pirilampo — Entre dentes?! Por isso, ha bocado, estou dando pela falta d'ella. (Para Franz.) Fanfreluche, vae buscar a minha lingua á bôca d'aquelle cavalheiro. (Franz dirige-se para Noreddino.)

Noreddino (Meio desconfiado.) — Está bom, nada de peloticas; eu pago para gosar e não para divertir os outros.

Pirilampo — Perdão, cavalheiro; mas, duas linguas, são de mais para um cortezão. Uma só, bem afiada, é de sobra para os cancans da côrte. (Franz deita-lhe a mão á bôca.) Isso não custa nada. Verá. Fanfreluche, faz essas operações com extrema delicadeza. Mette-lhe na bôca a extremidade de dois dedos, depois... zás! (A um movimento com a badine, Franz tira da bôca de Noreddino um pequeno bébé.) Ah! uma creança!... Oh! pauvre petite!... (Tomando-a nos braços.)

Noreddino (Compromettido e vexado.) — Uma creança?!... não é minha, assevero que não é minha!

As tres princezas (Rindo e batendo as palmas.) — Bravo! bravo! Bis... bis!...

Pirilampo (Dando o bébé a Noreddino.) — Pertence-lhe. É obra sua.

Noreddino — Ou sua, e impingiu-a para mim julgando que a minha bôca era a roda dos expostos; mas, emfim, não vale zangar; lá que a passagem foi bem feita, isso foi. (Baixo ás princezas.) Princezas, não se retirem d'aqui. Olhem que este demonio é capaz de as virar do avesso.

Pirilampo — Passaremos agora a uma pequenina sessão de cartomancia. Fanfreluche, os baralhos. (Fanfreluche vae buscar os dois baralhos, e entrega a Pirilampo um, cujas cartas devem ter o formato de oitavo francez. O fundo d'estas cartas deve ser preto, e as figuras distinguem-se pelo contorno a giz branco. Apenas se mostram quatro cartas d'este baralho, os quatro reis. Emquanto Pirilampo dispõe o seu baralho, Franz faz diversas evoluções com o seu, e arremessa as cartas a grande distancia.) Eis-aqui, minhas senhoras, o grande baralho magico com que n'outras eras jogou a bisca o celebre feiticeiro Perlim-pim-pim. (Emquanto falla vae tambem executando a rubrica anterior.) Talvez vossas altezas cuidem que a bisca é de invenção moderna? Engano, minhas senhoras, manifesto engano! Está provado que Adão e Eva jogaram a bisca no paraizo, porque proximo á arvore, junto da qual a serpente offereceu á nossa mãe commum a indigesta maçã, foi encontrada uma carta de jogar... (Apresentando ás princezas o seu baralho.) Minhas senhoras, dignem-se tirar uma carta. (As princezas e Noreddino tiram uma carta que vêem para si.) Têem nas suas mãos os reis dos quatro naipes. (Passa o baralho a Franz.)

Todos (Admirados, mostrando-se reciprocamente as cartas.) — É verdade!

Pirilampo — Não é maravilha adivinhal-o. Tive o baralho na mão, pude preparal-o á vontade. Queiram pois levantar o braço segurando as cartas nas extremidades dos dedos index e pollegar. (Executam.) Perfeitamente. Vejamos agora se, ao aceno da minha badine, essas quatro figuras se animam. (Os quatro reis começam a mexer-se lentamente.) Que molleza! que *nonchalence!* Eia! mais febre! mais delirio! mais vertigem! (Fazendo com a badine movimentos imperiosos.) Clic, clac! (Os quatro reis começam a dansar desesperadamente; os personagens que sustentam as cartas acompanham aquelles movimentos sem consciencia do que fazem.)

Princezas e **Noreddino** — Bravo!... bravo! É curioso!... É engraçado!

Pirilampo (Fazendo novo aceno.) — Alto!... (Cessam absolutamente os movimentos das figuras.)

Lélia — Realmente esta sorte é muito engraçada.

Pirilampo — Lisonjeia-me ter agradado a vossa alteza. (Para Franz.) Fanfreluche, recebe as cartas. (Franz vae receber as cartas, mas na mão de cada um dos personagens fica uma outra carta.)

Noreddino — Sim senhor. O rapaz trabalha bem.

Lélia (A Franz.) — Olhe que me deixou outra carta na mão.

Noémia — E mais a mim.

Cassilda — A mim tambem.

Pirilampo — Essas são um mimo do humilde prestigiador ás suas formosas e reaes espectadoras. (A um aceno as cartas transformam-se em tres ventarolas elegantes.)

Noémia e **Cassilda** — Ai! como é linda!... Obrigada, senhor *aquelle*.

Lélia (Para as irmãs.) — Que gentil lembrança elle teve! (Agradece-lhe com um pequeno movimento de cabeça.)

Pirilampo — Terminarei, minhas senhoras, com uma scena de alta magia ou de dupla vista. Preciso para isso de um espelho qualquer. (Procurando com a vista.) Ah! aquelle! (Indica o espelho, que deve estar na scena. Pirilampo e Franz vão buscal-o e assentam-no sobre o peitoril da janella, á qual deve adaptar-se perfeitamente.)

Noreddino (Áparte.) — Se elles o quebram!... Sempre tive agoiro com vidros quebrados...

Pirilampo (Dirigindo-se ás princezas.) — Passado, presente e futuro, tudo que vossas altezas desejarem

ver, reproduzir-se-ha n'aquelle espelho. Manifestem-me pois os seus desejos. (As princezas olham umas para as outras hesitantes.)

Noreddino (Percebendo a indecisão d'ellas.) — Ora, que hão de desejar? Ver seu augusto papá.

Pirilampo (A um movimento com a badine o espelho torna-se diaphano, e em seguida vê-se, primeiro vagamente, depois com toda a clareza, a figura do rei, dentro da sua tenda de guerra.) — Vel-o-hão.

Princezas — Olha, olha o papá! Adeus, papá, adeusinho!

Lélia — É prodigioso! (O espelho assume a primeira fórma.)

Noémia — Esta passagem deixou-me ás *aranhas*.

Cassilda — A mim estas cousas deixam-me a modo estupida.

Lélia (Áparte.) — Estas minhas irmãs são a vergonha da minha cara.

Pirilampo — Agora, e por ultimo, mostrarei a vossas altezas os seus futuros noivos. Começarei pelo da princeza Lélia. (Pelo mesmo processo apparece reproduzida no espelho a figura do duque Horms.)

Lélia (Com um pequeno grito.) — Ah!

Cassilda e **Noémia** — O duque Horms!

Lélia (Indignada.) — Que atrevimento! isso é indigno! percebo agora para que foi preparada esta scena de magia. (Com dignidade e altivez.) Sáia já do castello! (N'este momento o espelho cáe para o lado de fóra. Sente-se o tenir de vidros quebrados.)

Pirilampo (Curvando-se humildemente.) — Princeza...

Noreddino (Áparte.) — Mau! quebrou-se o espelho, temos desgosto!

Lélia — Quem lhe deu o direito de erguer para mim olhos e voz? Sáia! Noreddino, ponha fóra do castello esses embusteiros.

Pirilampo (Áparte.) — A boa hora.

Lélia (Para as irmãs.) — Venham, meninas.

Noémia (Saindo atrás de Cassilda e Lélia.) — Esta mana Lélia *embespinha-se* por tudo. (Sáe com as duas.)

Franz (Áparte para Pirilampo.) — E então agora?

Pirilampo (Baixo.) — Cala-te.

Noreddino — Meus amigos, tenham paciencia; bem ouviram a ordem. Demais vocemecês não haviam de ficar dentro do castello.

Pirilampo (Simulando desgosto.) — O que me custa é ter desgostado sua alteza.

Franz — É verdade! Olhe que sempre é um desgosto!

Noreddino — Vamos lá, vão adiante, porque o machinismo d'esta porta só eu conheço. (A porta assenta diametralmente sobre um grande circulo de madeira, tendo ao centro um eixo que a faz girar em roda. Pirilampo e Franz collocam-se no semi-circulo, que fica para o lado da scena. Noreddino empurra a porta, que gira sobre o eixo, levando os dois para dentro; depois colloca-se elle sobre o outro semi-circulo, e a porta torna a girar levando-o comsigo; no semi-circulo em que foram Franz e Pirilampo, apparecem agora duas contrafiguras vestidas exactamente como elles. Noreddino, que deu pela falta dos prestigiadores, volta á scena pelo processo por que saíu d'ella.)

Noreddino — Então que é isso? enganaram-se? Ora vamos lá todos tres para não tornar a haver enganos. (Collocam-se, elle e as duas contrafiguras, sobre o semi-circulo; a porta gira sobre o eixo levando comsigo os tres personagens, e trazendo de novo para a scena Pirilampo e Franz.)

SCENA VI

PIRILAMPO, FRANZ, depois HORMS

Franz (Rindo). — Bem jogada, sim senhor! Esta é de magico! Agora vae elle conduzir os outros para

fóra do castello, e nós ficâmos cá dentro. Sim senhor, é boa!

Pirilampo (Chamando.) — Horms, apparece. Ordeno, quero eu! (Horms apparece sobre o peitoril da janella.)

Horms — Eis-me! (Salta para a scena.) Então?

Franz — Estamos senhores da praça.

Pirilampo — Ainda não, vencemos apenas... (Com um pequeno grito, parando.) Ah! (Como que respondendo a alguem que o chama.) Já vou. (Fica immovel e na posição em que foi surprehendido quando o chamaram.)

Horms — O que foi? chamaram-te? mas eu não ouvi... Que tens? Esta immobilidade...

Franz (Assustado.) — Querem ver que morreu?

Horms — Como? Se ficou de pé...

Franz — Senhor duque, nós não sabemos como morrem os genios. Talvez entre elles seja systema morrer e ficar vivo.

Horms — Oh! mas é impossivel! (Chamando-o.) Pirilampo, Pirilampo?

Pirilampo — Ah! cá estou! Desculpem, não me demorei.

Franz (Áparte.) — Então elle saíu e deixou o corpo em casa? Ai! que é doido!

Horms — Pois tu saíste?

Pirilampo — Saí... em espirito. Fui acudir a um protegido meu, que invocou o meu auxilio. Salvei-o do perigo e aqui estou. O bom filho á casa torna; tenho amor a este envolucro sob que o meu espirito te apparece. Ficaram absortos, pasmados, boquiabertos?

Franz — Se lhe parece.

Pirilampo (Rindo.) — Idiotas! (Mettendo o braço a Horms e saíndo com elle. Franz segue-os. Mutação.)

QUADRO SETIMO

O quarto de vestir da princeza Lélia. Ao fundo, centro, um grande espelho sobrepujando uma banca de toilette. As paredes do quarto são forradas a pannos de raz, representando grupos graciosos de mulheres. Á esquerda, um movel, que transforma.

SCENA I

HORMS, depois a FADA

Horms (Entrando.) —

ROMANZA

Entrando em seu quarto...
não sei que receio
meu peito apavora!
Ai! qu'rida d'est'alma,
que louca paixão
me punge e devora!

Cuidei, desvairado,—
que só de vingança
meu peito nutria.
Engano, mentira!
Em falsa chimera
minh'alma illudia.

Mas hoje, conheço,
não sei que receio,
meu peito apavora.
É certo e bem certo,
ingente paixão
por ti me devora!

Fada (Fóra, parecendo a muita distancia.)— Duque Horms.

Horms (Surprehendido e escutando.) — Pareceu-me ouvir...

Fada (Mais perto.) — Duque Horms.

Horms (Aterrado.) — D'onde partirá esta voz sinistra? (Leva a mão á espada.)

Fada (Mais perto.) — Duque Horms.

Duque — Quem me chama? (O espelho abre deixando ver uma extensa galeria de crystaes.)

Fada (Apparecendo.) — Eu!

Horms — Quem és tu e que me queres?

Fada — Sou a fada dos crystaes; quero evitar que pratiques uma acção ruim. Agora venho como conselheira affectuosa; mais tarde talvez volte como inimiga irreconciliavel.

Horms — Dispenso os teus conselhos e receio pouco o teu odio.

Fada — Ouve-me sempre. Não confies no genio que te protege; é falso e desleal...

SCENA II

Os mesmos e Pirilampo

Pirilampo (Saíndo da parede da direita.) — Obrigado pelas ausencias, generosa fada.

Fada — Sáe-te d'aqui espirito maligno. (Faz um movimento com o venabulo como que para conter o genio em respeito; porém do venaculo sáe uma rosa, que vae caír aos pés de Pirilampo.)

Pirilampo (Apanhando a rosa.) — Oh! mas como tu estás hoje amavel e obsequiosa! Ora anda cá, vou propor-te um pacto. Inutilisa a acção da roca com que armaste a princeza Lélia, e serei de hoje em diante teu alliado fiel. Emquanto aquelle talisman a defender nada posso contra ella, é certo; mas tu bem sabes que, quem teve artes de entrar aqui,

póde, mais astucia menos astucia, annullar a acção d'aquelle feitiço.

Fada — Não me tentas, seductor. Brande as tuas armas, eu vibrarei as minhas.

Pirilampo — Mas, a final, que queremos nós? que quero eu a final?—que a princeza se apaixone pelo duque, se deixe enlevar e seduzir por elle! Nenhuma mulher morre d'isto, e muitas ha que não vivem de outra cousa. (Com intenção.) Acaso quererás tu vingar no filho algum aggravo que recebesses do pae?

Fada — Talvez.

Pirilampo — Ora vamos, sê uma vez generosa. Renuncía á lucta.

Fada — Nunca! Reconheço que és mais astuto e ardiloso; mas, ainda assim, provoco-te a venceres a repugnancia de Lélia pelo teu protegido, e a inutilisar o talisman, que lhe inspira essa aversão. Vernos-hemos.

Pirilampo — Adeus, megéra. (A um aceno com a badine o toucado da fada transforma-se em grande repolho.)

Fada (Tomando o gracejo á boa parte.) — Gaiato! (Desapparece. O espelho reassume a primeira fórma.)

SCENA III

OS MESMOS menos a FADA

Pirilampo —Vamos aos nossos negocios. O primeiro passo está dado. Trata-se agora de fazer que a princeza te cáia aos pés exclamando: sou tua!

Horms — Oh! como eu rirei então!

Pirilampo (Sorrindo incredulo.) — Duvido. Desconfiei sempre d'esses corações novelescos e enthusiastas!

Em todo o caso o demonio da roca é um obstaculo quasi insuperavel, e eu, sinceramente, não posso arrancar-lh'a das mãos. Aqui, portanto, só a astucia nos póde salvar. Ataquemos a princeza pelos seus lados fracos — e não ha poucos nas mulheres, — e, logo que ella tenha largado a roca, approxima-te e declara-te.

Horms — Mas por que lado atacal-a?

Pirilampo — Pela vaidade. Não ha mulher que resista á seducção dos adornos, das joias, dos enfeites, d'esses pequeninos nadas atrás de que se vão os olhos... de todas, e se perde o coração... de muitas. (Voltando-se para as figuras dos pannos de raz.) Não é assim, formosas? (As figuras movem repetidas vezes a cabeça em sentido affirmativo.)

Horms — Mas que póde faltar á princeza?

Pirilampo — O que eu lhe posso dar. (A um aceno o movel transforma-se n'um toucador de oiro e pedrarias, trabalhado a capricho. Sobre o toucador profusão de joias.)

Horms — Oh! é prodigioso!

Pirilampo — É trabalho meu, saído n'este instante das officinas do meu pensamento.

Horms — Ahi vem a princeza. Afastemo-nos.

Pirilampo — Não nos verá. Seremos para ella invisiveis emquanto eu quizer.

SCENA IV

Os mesmos e Lélia

Lélia (Entrando, meditativa, com a roca á cintura.) Mas que audacia! e como o charlatão do nigromante se prestou a favorecer os planos d'esse estouvado ambicioso! (Dirige-se para o lado do toucador.)

Pirilampo (Para Horms.) — Suppõe que é a ambição que te move.

Horms — Ingrata!

Lélia (Chegando proximo do toucador e reparando n'elle.)— Oh!... que maravilhoso toucador! quem o trouxe para aqui? Seria surpreza de Noreddino para me tornar menos desagradavel o captiveiro? (Examinando as joias.) Que soberbas joias! Que riqueza de adereços! Será tudo isto meu, só para mim? (Põe a roca sobre o toucador.)

Lélia —

Que riqueza de esplendores
vejo aos olhos meus brilhar!
Como são encantadores
(Pegando no colar.) este adereço... este collar...
Sobre tudo este collar!
Bem fadadas as mãos do artista,
que lavraram tamanhos primores!
Oh! meu Deus! eu não sei quem resista
ao ver tantos e taes esplendores!
Oh! que lindo!
que lindo!
que lindo!
Se haverá mais alguns similhantes?
Tem turquezas, coraes, amethistas;
tem 'smeraldas,
saphiras,
brilhantes!

(Fica enlevada na contemplação do collar, que por fim põe ao pescoço.)

Pirilampo (Para Horms.)

Vê lá bem, não te enganei;
mulher não ha que resista,
a quem não offusque a vista
o fulgor de joias taes...
(Com malicia.) e de muitas cousas mais!

Todos —

Bem fadadas as mãos do artista, etc.

Lélia (Mirando-se ao espelho.) — Se alguem me visse agora, chamar-me-ía vaidosa!

Horms (Que se tem approximado d'ella pé ante pé.) — E por que não, formosa?

Lélia (Reconhecendo-o.) — O duque Horms! Com que direito se atreve a entrar aqui, no meu quarto de vestir?

Horms — Com o direito da paixão, que enlouquece e desvaira.

Lélia — Ignora que é torpe e vil surprehender a mulher quando está em confidencias com o seu espelho? (Quer tirar o collar.)

Horms (Estorvando-a com o gesto.) — Oh! não tire esse collar, que a torna ainda mais bella que a propria belleza. Foi para si que o destinei.

Lélia (Admirada.) — Para mim? são pois suas estas joias? mas como pôde entrar no castello?

Horms — Do mesmo modo que ainda ha pouco pude roubar uma flor das suas tranças de ebano. (Tira do peito uma flor e beija-a.)

Lélia (Como que assombrada.) — Pois aquella ave de plumagem azul e oiro?...

Horms — Era eu!

Lélia (Vae a correr para elle por um movimento ou impulso do coração.) — O se... (De repente pára, péga na roca, e, pondo com ella em sujeição a Horms, diz-lhe com indignação e ira.) — Sáia já! Não é pedido, é uma ordem! (Continúa a tel-o em sujeição. O duque recúa como que dominado pelo poder d'aquelle talisman.)

Pirilampo (Travando-lhe do braço quando Horms passa junto d'elle.) — Aquella roca ha de nos fazer suar. (Sáe com Horms.)

SCENA V

LÉLIA, depois CASSILDA, NOÉMIA e NOREDDINO

Lélia — Mas que fui eu fazer? D'este modo ficará dentro do castello, e para toda a parte para onde me volte virá elle surprehender-me. (Afflicta, chamando.) Cassilda, Noémia, Noreddino, acudam depressa.

Todos (Correndo.) — O que foi? o que foi?

Lélia — Está um homem dentro do castello.

Todos — Um homem!

Noreddino — Isso não póde ser!

Lélia — Tu ousas desmentir-me?

Noreddino (Embispenhado.) — E não ousa vossa alteza, affirmando, desconceituar o systema de policia que eu estabeleci?

Lélia — Mas se eu o vi, se lhe fallei aqui mesmo.

Noreddino (Com os queixos á banda.) — Essa agora!...

Cassilda e **Noémia** — E quem era? conhecestel-o?

Lélia — Era o duque Horms.

Noémia e **Cassilda** (Com alegria.) — O duque Horms!

Noreddino (Com assombro.) — O duque Horms!!! (Com grande berro, como que saindo do pasmo em que o deixou tal noticia.) Ó da guarda! (Deita a correr.)

Lélia (Detendo-o.) — Prohibo-te expressamente que tentem contra a sua vida.

Noreddino — Esteja vossa alteza descansada.

Lélia — Prende-o...

Noreddino — Mas não lhe bato, é dever da policia. Vamos, minhas senhoras, recolham-se aos seus

aposentos. Vae passar-se uma revista minuciosa a todo o castello. Recolham-se e aferrolhem-se. (Sáe. Mutação.)

QUADRO OITAVO

Uma parte dos jardins do castello. Profusão de flores arbustos e estatuas

SCENA I

FRANZ só

Franz (Só. Ainda vestido como estava no quadro sexto; entra a medo e desconfiado.) — Ha por força grande novidade... As sentinellas gritaram ás armas... a guarnição corre assaralhopada por todos os lados... Ora querem ver que já deram pela marosca? Isso ha de ser bonito! (Afflicto.) Mas, senhores, onde se metteriam aquelles dois demonios? (Sentindo rumor.) Mau! (Espreitando.) Soldados a correr n'esta direcção... (Afflicto.) Aonde hei de eu esconder-me? (Esconde-se atrás de uns traineis de flores.)

SCENA II

FRANZ escondido, NOREDDINO, OFFICIAL e a RONDA do quadro quinto, entrando a passo lento e de bayonetas caladas

Noreddino — Vamos. Procurem-no por todos os lados.

Official — Mas quem, senhor Noreddino? ainda não nos disse quem?

Noreddino — Pois quem ha de ser? O duque

Horms, que teve artes de se introduzir no quarto da princeza Lélia. E tinha-me el-rei recommendado... (Toques da campainha telegraphica. Com enfado.) Mau! (Continuando.) E tinha-me el-rei recommendado a mais efficaz vigilancia... (Novos toques.) Pois sim, toca para ahi. (Proseguindo nas suas observações.) Mas quem havia de suppor que um duque, um fidalgo de tão bom sangue... (Toques mais rapidos e fortes.) Deve de estar como uma polvora! (Proseguindo.) E tão affecto á pessoa de el-rei... (Desabrido, voltando-se para o official.) Mas que faz você ahi parado? (Repetem-se os toques.) Que será? (Para o official.) Emquanto o resto da guarnição passa revista ao castello e ao parque, vão vocês percorrer todo o jardim. (Os soldados espalham-se por todos os lados. Repetem-se os toques de campainha com mais força.) Isto só paciencia de santo!... Não fosses tu meu rei... (Assenta a machina sobre a bengala e pergunta, zangado, dando á manivella.) O que quer? (O ponteiro do registo começa a girar, etc. Noreddino traduz a resposta do rei.) *Alecrim, não presta; manda, alfazema, correio.* Ora, senhores, não me dirão para que são estes desinfectantes? (Consultando-se.) Não sei se lhe dê parte do acontecido? Nada. É melhor calar-me. (Põe a machina á cabeça e sáe apressado.)

SCENA III

FRANZ, depois HORMS

Franz (Apparecendo.) — Então, heim? não o dizia eu? Está tudo em alarme! Não ha meio de escapar-lhe! Se nos apanham, matam-nos! E que morte! empalados! não ha morte mais avessa e traiçoeira!

Oh! senhores! Se eu ainda appareço ahi, por algum canto, espetado n'um pau á laia de toupeira... (Vendo o duque e correndo a elle.) Esconda-se, senhor duque, esconda-se depressa e leve-me comsigo.

Horms — Porque? O que ha?

Franz — Anda toda a guarnição em sua procura para o prender. Chame o seu amigo, ande.

Horms — É inutil chamal-o agora.

Franz — Porque?

Horms — Porque o chamaram a outra parte. Deu-me porém este talisman (Indicando, pendente do hombro esquerdo, um laço de fitas côr de rosa com agulhetas.) com que poderei conjurar qualquer perigo, que me ameace dentro d'este castello. Basta arrancar uma agulheta, e o que eu desejar realisar-se-ha.

Franz — Então deseje pôr-se d'aqui para fóra e mais eu, ande lá.

Horms — Não, não sáio d'aqui.

Franz — Mas sáio eu; ande, faça favor... Arranque lá uma d'essas cousas e diga: desejo que o meu creado se ponha já ao fresco. Despeça-me, ande; sujeito-me a esse vexame só para conhecer o valor do talisman.

Horms — Pois sim.

Franz (Contente.) — Oh! meu querido amosinho da' minha alma...

Horms (Indo para arrancar uma agulheta.) — Quero que o meu creado...

Franz (Indicando.) — O meu fiel creado...

Horms — O meu fiel creado...

Franz (Idem.) — Appareça deitadinho na sua cama, muito descansadinho, a fazer ó-ó.

Horms — Appareça... (Arrancando uma agulheta.) ves-

tido exactamente como eu! (Franz apparece exactamente vestido como o duque.)

Franz (Encavacado.) — Mas, senhor, isto não é brincadeira! Se me encontram assim vestido tomamme pela sua pessoa.

Horms — É precisamente o que eu desejo para que cessem de procurar-me.

Franz (Desesperado.) — Pois Deus permitta... Ai! que lá voltam os galfarros. (Corre afflicto para todos os lados. Horms esconde-se.)

SCENA IV

FRANZ, NOREDDINO, OFFICIAL e RONDA

Noreddino — Aonde se metteria elle?

Todos (Avistando Franz.) — Ah! (Estabelecem-lhe cêrco.)

Noreddino — Renda-se, senhor duque. É inutil a resistencia.

Franz (Jogando as toirinhas.) — Pois sim, bem sei. Vocês agarrar-me-hão... mas primeiro hão de suar. (Foge. Os soldados deitam a correr atrás d'elle. Os tambores rufam desesperadamente.)

Noreddino (Correndo.) — Cérca, agarra, tem mão... (Parando.) Ora para que vou eu cansar-me? porventura não tenho commigo o talisman da fada? (Acenando com o talisman.) Quero que o fugitivo seja immediatamente transformado... em gallo. Vejamos... (Indo espreitar.) Bravo! transformação completa! (Rindo destemperadamente.) Ah! ah! ah! ah! (O official e a ronda voltam conduzindo Franz transformado em gallo.)

CÔRO

Celebre caso nunca visto!

Noreddino (Rindo ás gargalhadas.) —

D'esta vez a rir eu estallo.

CÔRO

'Inda bem não estava preso,
transformado foi em gallo!

Noreddino (Para Franz.) —

Ko-ko-ro-ko.

Franz —

Ko-ko-ro-ko.

Todos (Como que troçando o gallo.) —

Ko-ko-ro-ko. Ko-ko-ro-ko!

Noreddino (Rindo.) — Levem-no lá para a capoeira, e a seu tempo... (Menção de lhe cortar o pescoço. Os soldados sáem enxotando o gallo, que lhes quer refilar. No entretanto Noreddino assenta a machina sobre a bengala.) Não posso resistir... Vou contar esta passagem a el-rei. (Dando á manivella e transmittindo o recado.) Tenho um gallo. (O ponteiro gira momentos depois, etc.) *Cinco réis, em cima, e aperta.* (Desmontando a machina.) Cebolorio! E estive eu a gastar o meu tempo para elle se saír de lá com uma asneira. (Sáe. Mutação.)

QUADRO NONO

Um caramanchão. Ao fundo, uma cascata; na base d'esta um tanque. Scena curta.

SCENA I

HORMS depois PIRILAMPO

Horms — Agora, que me julgam preso, diligenciarei mais uma vez vencer a repugnancia de Lélia. Não é o desejo de vingança, que me domina; é a paixão desordenada, que me instiga a combater o seu desprezo!

Pirilampo — Não t'o dizia eu? Vão lá fiar-se n'esses corações romanescos e enthusiastas! Descansa porém; eis-me aqui, para exercer a minha fatal influencia sobre a princeza. O que a *vaidade* não conseguiu talvez o *ciume* obtenha. Será a ultima tentativa; se abortar... desistirei da lucta. Aqui tens as instrucções que deves seguir. (Entrega-lhe um pergaminho enrolado.) Lê-as e executa-as.

Horms — Obedecerei, meu gentil genio. (Sáe.)

SCENA II

LÉLIA e PIRILAMPO

Pirilampo (Depois de Horms saír, traçando um circulo com a batine em torno de si.) — Princeza Lélia, vem! Ordeno eu, o mais subtil dos genios, que povoam as regiões ethereas!

Lélia (Entrando como que a seu pezar.) — É singular! que irresistivel attracção! Eu sem querer vir para

aqui, e uma força mysteriosa a impellir-me... Deixal-o... obedeço-lhe! (Pirilampo tem-na attrahido, como que pelo poder da sua badine, para junto do banco, onde ella se deixa caír assentada. Pausa. Lélia põe a roca sobre o banco.) Disse-me Noreddino que o duque de Horms fôra preso e expulso do castello. Voltará elle?

Pirilampo (Á maneira de echo.) —Voltará.

Lélia (Levantando-se sobresaltada.) — Valha-me Deus! que voz responde á minha?

Pirilampo — Eu.

Lélia (Procurando com a vista em torno de si.) — Não vejo ninguem.

Pirilampo — Nem poderás ver-me, porque sou para ti invisivel. E todavia estou ao teu lado, aperto a tua mão entre as minhas... (Executa.) chego-a aos meus labios... (Idem.) beijo-a...

Lélia — Sonharei eu?

Pirilampo — Escuta-me, Lélia: tu amas o duque Horms.

Lélia — É falso.

Pirilampo — Pois elle amou-te muito.

Lélia (Accentuando.) — Amou?...

Pirilampo — Mas resignou-se a soffrer os teus desprezos e os teus desdens.

Lélia (Com um tanto ou quanto de despeito.) — Fez elle muito bem.

Pirilampo — E respeitando os teus sentimentos dirigiu a outro coração os seus extremos e o seu amor.

Lélia (Como acima.) — Deixal-o.

Pirilampo (Pausadamente.) — N'este momento está elle junto de tuas irmãs...

Lélia (Com certa angustia.) — De minhas irmãs?...

Pirilampo — Talvez alguma d'ellas o acceite por esposo.

Lélia (Prorompendo.) — Oh! foge de mim, genio invisivel. Tens nos labios a calumnia e a perfidia no coração!

Pirilampo — Não me acreditas? Pois vê. (A um aceno com a badine a cascata torna-se transparente, deixando ver, como que através de um véu, o duque Horms conversando animadamente com as princezas Cassilda e Noémia.)

Lélia — Ah!

Pirilampo — Dirás ainda que tenho a calumnia nos labios e a perfidia no coração? (Despertando n'ella o ciume.) Pobres amantes! porque se amam, Lélia...

SCENA III

Os mesmos, Horms, Noémia e Cassilda

DUETTO

Pirilampo —

Pódes crer, não é engano,
nem mentira ou illusão...

Lélia (Perturbada.) —

Que perfidia traiçoeira!
emudece, coração!

Pirilampo —

Amor que por ti sentiu
não lhe serve já d'enleio.

Lélia (Como acima.) —

Que martyrio agonisante
me lacera o casto seio!

*

Pirilampo —

Olha para o duque, repara
como amante lhes sorri!
pobre louco, apaixonado,
crê que o mundo acaba ali!
Captivo de seus encantos
não se lembra já de ti!
nem chamando-o meigamente
volveria olhos p'ra aqui!
Amor que por ti sentiu
não lhe serve já d'enleio.

Lélia —

Que martyrio agonisante
me lacera o casto seio!

Pirilampo (Seduzindo-a.) —

Um ardil me occorre agora
em que tenho confiança;
pódes tental-o sem p'rigo,
gentil e meiga creança:
com ternura e mil enleios
chama por elle... e, talvez,
que dos braços das princezas
para os teus volva outra vez!

Lélia —

Quem p'ra mim foi tão ingrato
não merece o meu perdão;
a perfidia é um peccado
que não tem absolvição.

Pirilampo —

Começa o ciume
seu peito a lavrar;
a chamma latente
mal póde abafar.
Vacilla, fraqueja,
d'amor cede á lei...
ai! roca encantada
de ti zombarei!

Lélia —

Começa o ciume
meu peito a lavrar,
a chamma latente
mal posso abafar.
Vacillo... fraquejo...
d'amor cedo á lei...

(Correndo a pegar na roca, que deixára sobre o banco.)

ai! roca encantada,
valei-me! valei!...

(Assim que pega na roca as figuras do fundo desapparecem. Pirilampo vae para lh'a arrebatar das mãos; Lélia armando-se do talisman obriga-o a recuar, ao passo que ella vae tambem recuando para um dos lados da scena até desapparecer, etc. Mutação.)

QUADRO DECIMO

O pantheon da Fada dos Crystaes. Decoração vastissima e caprichosa. Sobre pedestaes graciosos um grande numero de mulheres, que a fada transformára em estatuas de carne. Cada mulher está coberta por um véu transparente. Ao centro, formando grupo bem distincto, as tres princezas, Noémia, Lélia e Cassilda. Todas as figuras, menos as princezas, estão rodeadas de um enxame de insectos, que parecem voltear incessantemente em torno d'ellas.

SCENA I

A Fada, Cassilda, Lélia, Noémia e estatuas de carne

Fada — Princezas, eis-vos no meu museu de estatuas de carne. Ámanhã transportar-vos-hei para o mosteiro das penitentes negras, onde estareis a coberto dos maleficios do astuto genio, que me combate. (Harmonias subtis na orchestra. Cáe o panno.)

ACTO TERCEIRO

QUADRO DECIMO PRIMEIRO

Acampamento em terreno montanhoso. Á direita, a tenda do rei; á esquerda, em frente d'aquella, a do general Schoffre

SCENA I

SOLDADOS DE DIVERSAS ARMAS, RECRUTAS, VIVANDEIRAS e PIRILAMPO de recruta

(Quadro de animação e vida propria de acampamento. Da tenda do general estão incessantemente a entrar e sair generaes e ajudantes. Pirilampo joga os dados com outros soldados.)

CÔRO

Soldados (Dirigindo-se aos recrutas.) —

O soldado que tem medo
de seu peito ás balas pôr,
dá signal, e bem seguro,
de não ter muito valor!

Vivandeiras (Do lado opposto aos recrutas.) —

Não devia assentar praça
nas fileiras do amor.

Recrutas (Boçalmente, e como que respondendo ora ás vivandeiras, ora aos soldados.) —

Com amor...
ter valor...
sim, senhor!

Soldados (Continuando para os recrutas.) —

Ao ouvir o som festivo
da trombeta e do tambor,
e da bellica metralha
o troar aterrador...

Vivandeiras (Idem.) —

Correi logo denodados,
á batalha com vigor.

Recrutas (Como acima.) —

C'o tambor
ter vigor...
sim, senhor!

Vivandeiras (Dirigindo-se aos recrutas e olhando com malicia para os soldados.) —

Se porém o deus Cupido
lá de longe grita: álerta!
Outro nobre sentimento
no teu peito se desperta!

Soldados (Como acima.) —

Logo, logo, com bagagens,
passa palhetas, deserta!

Recrutas (A quem o conselho agrada.) —

Sim, senhor!
Sim, senhor!
Sim, senhor!

Soldados e Vivandeiras (Com bravura.) —

Marchae lesto, tambores,
Marchae, marchae!
Lá na frente dos bravos
rufae, rufae!

Recrutas (Imitando o rufar do tambor.) —

Rataplão!
Rataplão!
Rataplão!

Soldados (Pondo o ouvido á escuta.) —

Pois ao longe a metralha
a sentir 'stamos já.

Recrutas (Imitando o som de fuzilaria.) —

Pim, pim, pim!

(Imitando o som de artilheria.)

Pum, pum, pum!

(Imitando o som de descarga.)

Brrrrrum!

Todos —

Eia, pois! á batalha!
Hourrah! Hourrah!

Soldados (Pondo as mãos nos hombros dos recrutas.) —

O soldado que tem medo
de seu peito ás balas pôr...

(Da esquerda, ao ouvido dos recrutas.) —

dá signal e bem seguro
de não ter muito valor.

Vivandeiras (Da direita, ao ouvido dos recrutas.) —

não devia assentar praça
nas fileiras do amor.

Recrutas —

Sim, senhor!
Sim, senhor!
Sim, senhor!

(Findo o côro, o 1.º soldado dirige-se ao 2.º, que joga com Pirilampo.)

1.º Soldado — Eh! lá, 1:114? Então acaba-se d'ahi com a jogatina?

2.º Soldado (Levantando-se.) — Eu por mim estou satisfeito. O demonio do recruta está com a felicia!

Pirilampo (Modos boçaes; sempre muito perfilado e com os braços estendidos ao longo do corpo; levantando-se tambem.) — E é que é verdade! (Dando aos rr o som de gg.)

2.º Soldado — Ganhou-me tudo, o palurdio.

Pirilampo — E é que é verdade!

2.º Soldado — Fiquei á divina!

Pirilampo — E é que é verdade.

2.º Soldado (Para Pirilampo.) — Cala-te ahi. Olha que te arrumo tamanho estalo... (Vae para erguer o braço, e começa a gritar.) Ui! ui! ui! que dor! Oh! que demonio! Quem me puxa aqui este braço por caridade...

1.º Soldado — Dá cá, homem. Isso não é nada. (Puxa-lhe o braço, que estende mais de um metro.) Oh! Com um milheiro de granadas! (Larga o braço, assustado; o braço torna ao seu natural.)

2.º Soldado — Ah! agora sim! Obrigado 2:004. (Estende-lhe a mão.)

1.º Soldado (Apertando-lh'a.) — Não ha de que, camarada. (As mãos ficam adheridas sem elles terem a consciencia d'isso; por consequencia estão ambos á espera que um largue a mão do outro.)

2.º Soldado (Meio azuado.) — Em te parecendo...

1.º Soldado (Idem.) — Quando tu quizeres...

2.º Soldado — Vá de brincadeiras! (Dá um puxão.)

1.º Soldado — Basta de graças! (Idem.)

Ambos (A um tempo, desesperados.) — Com mil raios!

Pirilampo (Rindo boçalmente.) — Ah! ah! ah!

1.º Soldado — Tu ris, patife?

Pirilampo — Eu rio, sim, senhor. Pois então não me *havéra* de rir? Olhem, lá na minha aldeia já uma vez *assucedeu* isso mesmo tal e qual a dois rapazes que estavam no adro da igreja da freguezia. Vae então, appareceu ali assim o seu cura, e mais os sacristães, e mais aquella gente toda da igreja da ermida, e depois de observarem o passo das *mãozes* entraram a dizer que eram obras do esp'rito mau e pozeram-se a cantar umas cantigas muito esganiçadas, e o caso é que se foi embora o esp'rito, o demo, e tudo! (Para os recrutas.) Pois não é verdade?

Recrutas — Elle é, sim.

Pirilampo — Querem vocemecês experimentar? Mais mal do *que ó que estão, neja* que ficassem peiores.

1.º Soldado — Vamos lá a ver.

Pirilampo (Para os recrutas.) — Ó rapazes, dêem cá uma ajudasinha.

COUPLET

Deixa as mãos d'estes rapazes;
Vae-te embora, esp'rito mau!
Zara-ca-tunis
Vanes, tunis;
Alleluia.
Kyrie eleison!
Padre cura!

Recrutas (Assestando figas para as mãos dos dois soldados.) —

Kyric eleison!
Padre cura!

Pirilampo —

Se não deixas, na quaresma
mais não comes bacalhau.
Zara-ca-tunis, etc.

Recrutas (Como acima.) —

Kyrie eleison, etc.

Pirilampo —

Se não deixas vaes já mesmo
Ser corrido a varapau!
Zara-ea-tunis, ete.

Recrutas —

Kyric eleison, etc.

Pirilampo e Recrutas —

Deixa as mãos d'estes rapazes, etc.

(No final, os dois soldados desprendem as mãos com pasmo de todos.)

Pirilampo — Ora ahi está, vêem?

1.º Soldado — Não queiram lá crer que ha bruxas, não.

Todos — É verdade, homem! Ora não ha! (Commentam o caso.)

1.º Soldado (A Pirilampo.) — Obrigado, rapaz! Olha que sempre me tiraste de umas talas. (Sentem-se toques de corneta.) Olé! Então não ha licença para descansar? (Para os recrutas.) Eh! lá, vocês? Venham d'ahi. Quando Deus manda sol é para todos. (Sáem; alguns soldados vão repetindo como por brincadeira o *refrain* dos couplets de Pirilampo.)

SCENA II

A Sentinella da barraca do Rei e Pirilampo

Pirilampo (Que se deixára ficar atrás de todos, olhando fixo para um ponto.) — É elle! entra no acampamento... vem apresentar-se a el-rei... Ingrato!... (A sentinella julgando-se só, aproveita a occasião para fazer o seu somno; encosta a arma, e depois encosta-se elle proprio ao obuz, que está da parte de cima da barraca do rei.) Ah! tu queres dormir? Pois espera. (A um aceno de Pirilampo o obuz transforma-se n'um leão. A sentinella foge espavorida e sem poder gritar. Logo que ella foge, o leão torna á fórma primitiva. Pirilampo pega na espingarda e colloca-se de sentinella á barraca do rei. Horms entra taciturno e dirige-se para a barraca; quando vae para entrar, Pirilampo cruza a espingarda, bradando.) Faça alto!

SCENA III

Pirilampo e Horms

Horms (Reconhecendo-o.) — Tu!

Pirilampo — Esperava-te.

Horms — Retira-te!

Pirilampo — É a segunda vez, Horms, que me tratas como o ultimo dos teus lacaios. Foi a primeira em seguida ao desapparecimento das princezas. Foi a segunda, agora. E todavia, eu, continuo a velar incessantemente por ti. Sê rasoavel; que vens fazer ao acampamento?

Horms — Pedir a el-rei o posto mais avançado e mais perigoso na vanguarda dos seus exercitos, para baquear...

Pirilampo (Zombeteiro.) — Para baquear como todos os da tua raça! E se eu te disser: não está tudo perdido.

Horms (Com esperança.) — Pois a princeza?

Pirilampo — Sei onde está. Depositou-a a fada com as princezas Cassilda e Noémia n'um logar, que ella julga inviolavel, mas onde eu posso penetrar de instante a instante.

Horms — Oh! então corramos...

Pirilampo — Para que?

Horms — Para a arrancarmos de lá.

Pirilampo — De que serviria isso, se não ha meio de combater a influencia das rocas de vidro? Emquanto esse talisman existir em seu poder, e ainda mesmo que ella queira... e quer, porque... vou dar-te um alegrão: ella ama-te!

Horms — Ama-me?

Pirilampo — Anda, pula, bate as palmas, veste o fatinho domingueiro, põe pomada de lucia lima no cabello... (Rindo.) Ah! ah! ah!... Ama-te, sim; mas o talisman não deixará que ella seja tua esposa, quer o tenha comsigo, quer de si isolado. O essencial é pois tornal-o inefficaz; por outra: é mis-

ter descobrir-lhe o contraveneno. Ora, esse, julgo havel-o descoberto.

Horms — Qual é?

Pirilampo — Sabel-o-has se quizeres acompanhar-me á aldeia de Spielberg.

Horms — Oh! meu querido genio! (Quer abraçal-o)

Pirilampo — Cuidado! o que diriam se te vissem abraçar um recruta no meio do acampamento!... Vamos, pois! (Entram em uma pequena barraca ao fundo da scena; a barraca transforma-se n'um balão, do qual pende um cesto em que vão Pirilampo e Horms. O balão eleva-se ao ar e desapparece. N'este momento a sentinella, que fugira espavorida, entra pé ante pé, espreita a medo, reconhece que o obuz está no seu logar, chega-se a elle receioso, apalpa-o, e, depois de bem tranquillo, diz:)

Sentinella — Estaria eu a sonhar? (Pega na espingarda.)

SCENA IV

A Sentinella e o Rei

(O rei sáe da sua barraca silencioso. Tem uma bengala e um chapéu igual ao de Noreddino. Desce um pouco á direita, abre a bengala e assenta sobre ella a machina. A sentinella com apprehensões a respeito do obuz não deu pela entrada do rei.)

Rei (Depois de executar a rubrica.) — Ora pois...

Sentinella (Dando por elle n'esse momento e bradando.) — Ás armas!

Rei (Com medo, enfiando-se muito lepido pela barraca dentro.) — Oh! com os demonios!

Sentinella — Guarda dentro!

Rei (Espreitando.) — Ora esta! Hein?! que susto! (Da entrada da barraca para a sentinella.) Ó sentinella? é escusado bradar ás armas. Dispenso as honras... que me são devidas.

Sentinella — Mas a ordem, real senhor...

Rei — Aqui não ha ordens; a ordem sou eu! Brada ás armas com os teus botões, e satisfarás d'esse modo o rei... que sou eu; e a ordem... que é do rei. (Recolhe-se um momento e sáe depois dizendo.) Estou sobre...

Sentinella (Muito devagarinho.) — Ás armas!

Rei (No mesmo tom.) — Guarda dentro!

Sentinella (Idem, repetindo.) — Guarda dentro!

Rei (Dirigindo-se á machina.) — Estou sobre brazas! Desde hontem á noite que não recebo de Noreddino resposta aos meus telegrammas. Estou muito precisado de roupas brancas, muito! Só eu o sei!

SCENA V

REI, DUQUE, GENERAL, OFFICIAES SUPERIORES, AJUDANTES e ORDENANÇAS que entram e sáem

Todos (Saíndo da barraca do general Schoffre.) — Meu senhor...

Rei (Áparte, contrariado.) — Mau! (Alto.) Adeus, meus senhores! Então... (É interrompido por uma ordenança, que vem entregar um despacho ao general. O general recebe-o, abre-o, lê-o para si, e despede a ordenança com o gesto; depois passa o despacho ao duque. Este lê-o, dobra-o e entrega-o ao general, que o guarda. Estes movimentos repetem-se invariavelmente com todos os despachos e com todas as ordenanças.)

Duque (Para o rei.) — É um despacho do general Bagajol, participando que os dragões do Monte Appenino travaram agora combate com duas brigadas inimigas.

Rei — Pois Deus lhes dê bom successo. Então o que os traz por aqui, meus senhores?

General — Vi... vinhamos receber as ordens de vo... vossa magestade.

Rei — As minhas ordens? As minhas ordens estão de ha muito dadas. Vençam o inimigo, reduzam o inimigo a pó... e acabemos com isto! Já não sei quando hei de fazer um real somno na melhor das reaes camas do meu realissimo paço.

General (Um tanto despeitado.) — Parece-me que... que vossa ma... ma... ma...

Rei — ... gestade não tem rasão de queixa?

General — Isso!

Rei — Não tenho, bem sei. As cousas não podem correr melhor. É anda mão... (**É interrompido pela primeira ordenança, que volta a correr, e atrás d'esta uma segunda ordenança, que tambem entra com precipitação. Cada uma d'ellas entrega um despacho ao general.**)

Rei (**Emquanto elles lêem, resmoneando meio afinado.**) — Uum! é muito bonito! é mesmo lindo!... Panal de palha! Deixem estar... nunca mais...

General — Boas no... noticias, meu senhor. O ge... o general Bagajol destroçou a bri... a bri... a bri... a bri...

Duque (Indo em auxilio do general.) — A brigada inimiga.

Rei (Absorto.) — Pois já? Depressa! É o que eu digo. Isto aqui é anda mão e fia dedo.

General — Participa tambem o ma... o marechal Ko... Ko... Kovinski que houve um encontro entre dois corpos.

Rei — Uma esbarradella, bem sei. Depois entra a gente com ceremonias de um lado para o outro... e os sujeitos sempre a esbarrarem! É de uma quizilia!

Duque — E acrescenta o marechal que a victoria parece favoravelmente inclinada para as nossas armas.

Rei — Isso está ella sempre, a victoria! Apenas no começo houve ali uma coisita...

General — O... o primeiro mi... milho... é dos pa...

Rei — Dos patos?

General — Pa...saros!... Apre!

Rei — Esses custaram a saír, general! Pois não foi porque tivessem a gaiola fechada. O general bem escancarava a bôca!

General — Já vê pois vo... vossa magestade que em me... menos tempo...

Rei — E com mais limpeza ninguem a fazia melhor. Sim, senhor! Você tem dedo para isto, general Schoffre! Ande, dê cabo do resto. Cáia sobre elles com o seu appellido, e vamos embora para casa.

General — Devagar se vae ao...

Rei — Ao longe, bem sei. Entretanto... (Entra a correr uma terceira ordenança, que entrega um despacho ao general.) Já cá tardava! Em abrindo a bôca, entra-me logo uma ordenança. (Com os olhos fitos, ora no duque, ora no general.) E elles... nada! Vou azoando com o negocio! Que idéa farão de mim? Estou encordoado! mas muito encordoado!

Duque — Participa o general Palióstokini que vae dar batalha ao 3.º corpo do exercito contrario.

Rei — Pois está aqui, está ganha. Oh! É sabido! em se dando batalha, somos nós que a vencemos. São favas contadas. Mas ía eu para dizer ha

bocado... (Fallando como quem já espera ser interrompido por outra ordenança.) que esta guerra tem-nos custado muitas vidas. Não fallo por mim, que, graças ao Todo Poderoso, cá vou indo menos mal, com falta de roupa branca... mas sem uma beliscadura. (Áparte.) Podéra! Sempre no quartel da saude!

General — Pois não é por... porque vossa magestade não se ex... exponha!

Rei — Faz-se o que se póde, faz-se o que se póde para passar á posteridade... Tornando porém á questão humanitaria, é necessario, amigos, darmos o golpe de mestre e não estarmos: «Ó tio, ó tio, deite para cá o batel». (Estranhando a falta de ordenanças.) Estamos n'um socego a respeito de ordenanças! (Retomando o fio das suas considerações.) Se a guerra continúa, receio muito que de um lado e de outro não se possa combater... por falta de combatentes. (Vendo entrar tres ordenanças.) Ora graças a Deus! Julguei que não chegavam cá hoje! (Áparte, emquanto o general lê os despachos.) Pois senhor, é muito boa pessoa, entende de horta, sabe o nome aos bois, mas é muito malcreado! muito crocodillo! Já ha bocado que estou com vontade de me permittir este desabafo! Não devia abrir despacho algum sem me pedir venia! Porque... oh! senhores! quem é aqui o rei? O rei sou eu! (Emquanto o duque lê.) E lá o outro, o diplomata, tambem não lhe devia pegar sem me pedir igual venia. Pois isto não é assim? Cada um no seu lógar. De outro modo, adeus equilibrio social! E eu sou todo equilibrio, todo! Se eu estivesse incognito, vá; mas eu ainda não disse que deixava de ser eu para passar a ser tu ou elle...

Duque — Maravilhosas noticias, meu senhor!

Rei — Sim? Aposto que o general Palióstokini...

Duque — Derrotou o inimigo, deixando-lhe no campo 112:000 mortos e fazendo 800:000 prisioneiros.

Rei — E feridos, quantos?

General — Nenhum. Ma... matou tudo!

Rei — Foi melhor. O que tem de ser... seja. Elles, tambem, mais hoje... mais ámanhã, sempre vinham a morrer.

Duque — Dos nossos apenas... (Como querendo recordar-se.) Dois... e cinco... e sete...

Rei — Ah! Então foram 257?

Duque — Quatorze, meu senhor. (Fazendo a somma.) 2 e 5, 7; 7 e 7, 14.

Rei — Essa maneira de contar mortos é pena que não sirva para illudir os vivos.

Duque — Ha mais que o general Stwart-beef...

Rei — Oh! quem déra cá da ultima parte d'elle.

Duque — Cortou as forças do 1.º corpo, que avançava para o norte. Feitos são estes, meu senhor, pelos quaes devemos render graças ao Todo Poderoso.

Rei — E bem necessario é implorar a sua clemencia, porque temos lá em cima muita gente a torcer contra nós.

General (Despedindo-se.) — Ás ordens de vo... vossa magestade.

Rei — Pois já me deixam? Então adeus, meus amigos, e obrigado por este bocadinho. (Tomando o general de parte.) Ó general, nunca me apresente, emquanto estivermos em campanha, aquelle seu camarada, que cortou as forças que íam para o norte...

General — O Stwart-bi... bi... bi... beef?...

Rei — Custou-lhe a largal-o da bôca, maganão! Elle é muito bom bocado, isso é! Pois nunca m'o apresente... porque eu salto-lhe! (Sáem todos menos o rei.)

SCENA VI

REI, SENTINELLA e muitas ORDENANÇAS

(Assim que sáem as figuras indicadas, começa uma desesperada correria de ordenanças para a barraca do general. Não o encontrando lá sáem na mesma correria; umas ficam perplexas e hesitantes sem saberem que direcção hão de tomar; outras tomam logo a direcção verdadeira.)

Rei (Dirigindo-se para a machina.) — E ora eis ahi está... (Começa a correria.) Mau! E ora eis ahi está o que eu vim fazer á guerra! Oh! senhores! que infernal contradança! (Dirigindo-se para a machina.) Mas que será feito de Noreddino? (Dispõe-se a fazer o signal de prevenção, mas continuando a correria, desespera-se, põe o apparelho á cabeça, fecha a bengala e sáe pela direita.) Assim é impossivel fazer a minha correspondencia telegraphica.

SCENA VII

NOREDDINO, depois SOLDADOS, ORDENANÇAS, OFFICIAES, etc.

Noreddino (Gemendo, arrástando-se a custo e fazendo considerações comsigo proprio.) — *An! an!* Como hei de eu darlhe a noticia? O pobre homem desde hontem á noite que não faz senão... (Ouve-se tocar a campainha da machina de Noreddino.) Exactamente. Lá está elle outra vez a chamar por mim. Não ha remedio. O Senhor vá

commigo... (Dirige-se para a barraca do rei, e n'esse momento começa no acampamento um grande movimento de tropas. Mutação)

QUADRO DECIMO SEGUNDO

O interior da tenda de guerra do rei. O fundo é fechado. As entradas pelos lados.
Esta scena deve ser curta para se poder, durante o quadro, preparar a scena do immediato

SCENA I

REI, depois NOREDDINO

Rei (Entrando pela direita.) —Oh! senhores! não se póde parar no acampamento. É uma tal correria, um tal inferno! Vamos a ver se aqui me deixam socegado. (Tem assentado a machina sobre a bengala.) Estou com cuidado na minha gente. Isto de ser pae é o demonio! Antes ser avô! (Dando á manivella e repetindo as palavras, que transmitte.) Noreddino, ha alguma novidade? (Fica esperando a resposta.)

Noreddino (Entrando pela esquerda a tempo de ouvir o rei, dizendo áparte.) — Ah! lá está elle a expedir-me telegramma. Se eu aproveitasse o ensejo para lhe dar, pelo telegrapho, a triste noticia?...

Rei (Dando de novo á manivella.) — Então?

Noreddino (Áparte, assentando muito surrateiramente a sua machina á extrema esquerda.) — É o melhor!... e poupo-me a presencear uma triste scena!... a scena da sua afflicção!... a scena da sua mágua!...

Rei (Como acima, mas desesperado.) — Respondes, cachor-

ro? (Noreddino começa a dar á manivella; o rei, sentindo arruido, volta-se; e, vendo-o, solta um grito de alegria e corre para elle, jubiloso.) Ah!

Noreddino (Supplicante.) — Oh! meu senhor!

Rei (Assustado.) — Esses modos supplicantes... Tu assustas-me! (Agarrando-o pelo braço.) As minhas filhas, Noreddino? Onde está a minha estirpe? Que fizeste das minhas vergonteas?

Noreddino — Oh! meu senhor! ouça-me vossa magestade.

Rei (Com placidez de animo.) — Ouço, sim, Noreddino; ouço! Eu sou grande! eu quero e devo ser grande! Dize lá, Noreddino, e desculpa se me escapou alguma mal dita no meu ultimo telegramma. Falla, meu velho, falla. Que é feito das vidas da minha vida?... Morreram?...

Noreddino — Verdadeiramente...

Rei (Natural, mas choroso.) — Pois olha, se não morreram verdadeiramente... então ainda estão vivas!

Noreddino — Eu digo a vossa magestade.

Rei — Diz, Noreddino, diz. Eu estou de cera... Minto, estou de aço! A final de contas, o coração, por mais que berre a physiologia, o coração é um orgão! Não tocará pois o meu orgão! Falla, homem; dize-me que as minhas filhas morreram... e o sorriso não deixará de brincar-me á flor dos labios! Oh! como as grandes dores nos tornam pittorescos e imaginosos!

Noreddino — Eu conto pois a vossa magestade. A senhora D. Lélia recolheu-se ao seu quarto de vestir, e de repente entrou a bradar por soccorro. Corremos todos e soubemos que tinha encontrado um homem no seu quarto. Deu-se signal de alar-

me, poz-se em armas a policia do castello, e no fim de um lidar insano, vamos encontrar o sobredito no jardim do torreão do norte. Agarra, cerca, tem mão, muita festa para a festa... e como o homem resistia, eu, servindo-me do talisman da fada, transformei-o em gallo!

Rei (Com serenidade.) — Devias tel-o transformado em cuco.

Noreddino — Levámol-o para a capoeira; volto a procurar as princezas... e era uma vez! Nem princezas, nem gallo, nem nada! Tinham desapparecido todos. (Áparte.) O caso dos nigromantes não lhe conto eu.

Rei — Admiraste a minha tranquillidade, não é assim? Oh! que hei de servir de exemplo a futuros monarchas! Quem era o homem que tu encontraste?

Noreddino — Era o duque Horms.

Rei — Muito bem. (Chegando á porta e fallando para fóra com desalento e humildade.) Ó sentinella, tem a bondade de chamar um senhor ajudante, o primeiro que apparecer, eu sirvo-me com qualquer. (Exclamando.) Oh! historia! Oh! posteridade!

Noreddino — Mas que quer vossa magestade fazer?

Rei — Vel-o-has, Noreddino!

SCENA II

OS MESMOS e um AJUDANTE

Ajudante (Perfilando-se.) — Meu senhor?

Rei — Ó senhor ajudante, v. s.ª faz-me a mercê

de ir chamar o duque Truck? Não lhe diga: «para chegar á real presença de el-rei», porque el-rei não tem presença n'esta occasião.

Ajudante — O duque Truck, meu senhor, está á porta da tenda.

Rei (Descambando para a asneira.) — Pois elle agora deitou tenda?

Ajudante — Da sua tenda de guerra, conferenciando com o generalissimo do exercito, que veiu em pessoa tratar das condições da paz. Ahi vem s. ex.ª

SCENA III

Os mesmos, Duque e alguns Officiaes

Duque (Satisfeito.) — Grandes novidades, meu senhor. Cá veiu o homemsinho. O general em chefe do principe da Ilha Verde acaba de estar commigo e com o nosso general Schoffre conferenciando sobre as condições da paz. Agora é necessario que vossa magestade se digne acompanhar-nos para ratificar o tratado.

Rei — Não posso, duque.

Duque — É inevitavel, meu senhor.

Noreddino — Que remedio senão ir, meu senhor.

Duque — Esperâmos as suas ordens, meu senhor!

Rei — Pois bem, irei! Consumme-se o sacrificio! Eu hei de, eu quero, eu devo ser grande na ventura e na adversidade! Duque, faça constar por toda a parte que o rei offerece mil ducados a quem lhe apresentar viva ou morta a cabeça do duque Horms; e outros mil ducados a quem lhe descobrir o paradeiro das princezas minhas filhas.

Duque — Como? Pois as meninas fugiram?

Rei — Deixaram-se raptar; ha n'isso uma differença muito lisonjeira para a minha dynastia!

Duque — Mas, meu senhor...

Rei — Que secca! Ahi vou duque! advirto-lhe, porém, que se a guerra não terminar ainda, se os meus exercitos ainda aqui ficarem, eu ver-me-hei obrigado a desamparal-os, porque antes de tudo, devo ir á cata das minhas filhas! (Aponta-lhes para a saída com um gesto nobre, e sáem todos.)

QUADRO DECIMO TERCEIRO

Uma aldeia pittoresca. Á esquerda, e com a fachada um pouco voltada para o publico, a casa do burgomestre. Á direita, uma cervejaria. Ao centro da scena uma columna commemorativa de algum feito. Pequenas casinhas revestidas de hera. O fundo é cortado por praticaveis, que se ramificam para diversos pontos.

SCENA I

SCHOPP e CREADOS

Schopp — Vamos, andar depressa; ponham tudo em ordem. Andem depressa, vamos.

SCENA II

Os mesmos, Aldeãos e Aldeãs vindo do fundo muito enfeitados com flores

CORO (Que começa dentro.)

Murmura nos bosques
a aura subtil;
o céu e a terra
festejam abril!

Todos — Adeus, ó tio Schopp!

Mathurino — Temos por cá boa cidra, tio Schopp?

Schopp — Fresquinha da pipa, nem o rei a bebe melhor!

Martha — Ha de se querer um tonel d'ella.

Schopp — E não acho muito. Então temos hoje a tal brincadeira da cobra?

Martha — Podéra!

Schopp — Cuidado com as cabeças!

SCENA III

Os mesmos, Burgo e um Tambor

Mathurino — Lá vem o seu burgomestre. (Descobrem-se.)

Burgo (Para o tambor.) — Rufa. (O tambor executa.) Alto! (Lendo um papel) Pipertrank-trenk-trink, burgomestre d'esta aldeia, etc. Faço saber que um premio de mil ducados de oiro será concedido a quem apre-

sentar morto ou vivo o cidadão duque Horms. Outrosim faço saber, que premio igual será dado a qualquer pessoa, e n'este caso não se olha ao sexo, que der noticia do logar onde se acham as princezas, filhas de el-rei nosso amo. (Para o tambor.) Rufa. (O tambor executa.) Alto! Agora vamos prégar as tardes a outra parte.

SCENA IV

Os mesmos, menos o Burgo e Tambor

Martha — Então as filhas do nosso rei andam perdidas?

Mathurino — Elle parece.

Schopp — Mas quem será esse duque Horms de quem fallou o seu burgomestre?

Martha — Ha de ser aquelle para onde ha cinco annos foi servir o Franz, o filho da tia Brigida. (Para Mathurino.) Lembras-te de Franz?

Mathurino — Até me lembro que foi teu namorado.

Martha — Tens ciumes do passado?

Mathurino — E do presente, e do futuro e do tempo que ha de vir.

Schopp (Vendo Franz, que desce do fundo) — Olha... olha quem ali vem!

Todos (Reconhecendo-o.) — Ah! o Franz!

SCENA V

Os MESMOS e FRANZ vestido como estava quando foi preso no jardim

Franz — Eh! rapaziada! Venha de lá um abraço ao Franz.

Todos (De roda d'elle.) — Adeus, ó Franz! Então, que é feito? Por onde tens andado?

Mathurino (Segurando Martha.) — Não quero que lá vás.

Martha — Tolo! eu importo-me lá com elle. Bem sabes que só gosto de ti.

Franz (Depois de abraçar uns e outros.) — Então a minha mãe como está?

Martha — Rija que nem ferro!

Franz — Olhem a Martha! olhem!... (Para Mathurino.) Viva lá, seu rapaz Mathurino. (Contemplando Martha.) E está linda! estás uma catita, digo-t'o eu! Você, de ha cinco annos para cá, tem botado belleza á grande, sua Martha! (Começa a girar e a dar voltinhas em torno d'ella.) Kó-kó-ró-kó!

Martha — Então que modos são esses?

Franz — Isto não são modos, é feitio; foi geito que me ficou.

Martha — Pois tu já foste gallo?

Franz — É melhor não mexer n'essa pagina da minha emplumada vida! (Enternecendo-se.) Oh! Marthasinha! quando penso que podia andar agora comtigo pelo verde prado a catar-te as azinhas e a procurar-te grãozinhos de milho para te metter no bico... Oh! Martha! esta lembrança é para fazer um homem perder a crista.

COUPLET

Kó-kó-ró-kó, kó-kó-ró-kó.

Martha —

Não te posso perceber.

Franz —

Pois eu fallo bem claro
Custo pouco a entender.
Kó-kó-ró-kó...

Martha —

Kó-kó-ró-kó?

Franz —

Kó-kó-ró-ko

Martha —

Kó-kó-ró-kó?
Mas que quer isso dizer?

Franz —

Só com esta simples phrase
diz um gallo quanto sente;
se tem fome ou se tem frio,
se está triste ou está contente.
Kó-kó-ró-kô
diz amor,
Kó-kó-ró-kó
diz paixão,
Kó-kó-ró-kó
diz furor,
Kó-kó-ró-kó
Commoção!
E até p'ra pedir milho,
eu, nos gallos,
minha Martha,
não conheço outro 'stribilho,
senão o seu
kó-kó-ró-kó.

Todos —
Kó-kó-ró-kó, kó-kó-ró-kó.

Schopp — Ora o cachorro do Franz sempre tem passado por cousas!

Franz — Se escrevesse a historia da minha vida, nem todo o papel do universo chegava para a escripta! Só a minha vida de gallo dava para mais de seiscentos volumes! O que eu tinha que contar! que peças são as gallinhas! É uma raça perdida! é uma vergonha para a sociedade dos animaes!

Schopp — Sim? (Todos escutam com interesse.)

Franz — Ali calcam-se aos pés os direitos mais sagrados! Confundem-se os parentescos! Houve um gallo que quiz tirar a arvore genealogica da sua familia... e perdeu-se logo no primeiro ramo! Achou vergonhas! Isto foi-me contado por uma gallinha.

Schopp — Ora... ora...

Franz — É como lhes digo! Vae a mãe para apanhar um grão de milho, salta logo d'ali o marido para lh'o tirar, e ainda bem este não lhe deita o bico, vem logo o filho do outro lado... e zás! é bicada que ferve!... que escandalo! não ha respeito nenhum pela familia! é uma immoralidade! (Ouve-se dar meio dia n'um sino da aldeia.)

Schopp — Oh! com a bréca! já meio dia!

Mathurino — Vá, rapazes, vamos d'ahi.

Franz — Então hoje ha folia?

Martha — É a festa de abril.

Franz — Sim? Cá está mais um para a brincadeira. Já agora não volto para o castello de Horms senão ámanhã.

Schopp — É verdade, não sabes? Pozeram a preço a cabeça de teu amo.

Franz — Fizeram bem. Aposto que é por causa da princeza Lélia?

Schopp — Pois tu sabes?

Franz — Eu sei tudo, homem! Ha tres annos a servir em casa de um duque, querias que fosse ainda ignorante? Até logo, ó rapazes. Vou ver a minha mãe e já volto para as festas. Havemos de fazer muitas cobras, ouviram?

Martha — Isso por força; nem a gente quer outra brincadeira.

Franz — Oh! Como nos havemos de divertir! (Sáe a correr, cantando como gallo. Quando elle sáe apparece na ponte um velho de longas barbas brancas. É o feiticeiro Quiribibi.)

SCENA VI

Os mesmos e Quiribibi

Todos (Baixo, uns aos outros.) — Lá vem o feiticeiro, lá vem.

Schopp — Deixem lá o velho, que não faz mal a ninguem. Vem todos os dias para aqui ao dar meio dia, assenta-se áquella banca (Indica a primeira da direita.) e leva a beber cidra até á noite. (Todos se afastam para elle passar. Quiribibi, andando lentamente, para ninguem olha, e vae sentar-se á mesa indicada.)

Quiribibi (Batendo sobre a mesa.) — Cidra!

Schopp — Ahi vae já, meu freguez. (Serve-lhe um cangirão com cidra.)

Martha — Então nós ficâmos aqui? não vamos buscar os outros?

Mathurino — Vá lá, rapazes, vá já uma cobra!

Todos — A cobra, a cobra! (Collocam-se em fórma de

cauda com as mãos nas cinturas uns dos outros e deitam a correr, descrevendo muitos zig-zags até sairem da scena.)

CÔRO (Com acompanhamento de guizos.)

Venha toda a aldeia em peso
festejar abril par'aqui;
que em abril já canta o grillo
gri, gri, gri, gri, gri, gri!

SCENA VII

OS MESMOS, HORMS e PIRILAMPO ambos de tyrolezes

Pirilampo (A Horms, apontando para o feiticeiro.) — Eil-o. É aquelle. Ali onde o vês é o primeiro dos alchymistas. Renunciou á alchymia e á magia por não achar o segredo de rejuvenescer. (Batendo na mesa.) Olá!

Schopp (Que anda de dentro para fóra.) — Que hão de querer?

Pirilampo — Da tua melhor cidra.

Schopp — É toda boa.

Pirilampo — Será; mas traze-nos d'aquella que tu bebes... (Apontando para a casa do burgo-mestre.) e mais a governante do teu burgo-mestre; aquella que está ao canto da adega... n'um barrilinho que tu compraste em casa do tanoeiro Simão... É d'essa que nós queremos.

Schopp (Áparte.) — Será o demonio? (Sáe meio desconfiado e volta trazendo dois vasos com cidra.)

Pirilampo (Para Horms.) — Que tristeza é essa, irmão? São saudades da nossa terra?

Horms — Oh! o Tyrol, o Tyrol!

Pirilampo —

TYROLEZA

Quando meu foi teu coração
tudo p'ra mim sorria então!
Hoje, porém, que o teu amor
trocaste por odio sem fim,
estala minha alma de dor;
não ha ventura para mim!
Sem forças para mais soffrer
só me resta morrer!
Tra la lá-u,
lá-u, lá-u.

Trahiste ingrata com rigor
o mais sincero e puro amor!
Já para mim olhos não tens,
nem para mim siquer sorris;
e só desprezos e desdens
dardejam teus olhos gentis!
Sem forças para mais soffrer,
quem me dera morrer!
Tra la lá-u,
lá-u, lá-u!

(Aos primeiros compassos da tyroleza, Quiribibi, como que fascinado por aquella musica, volta a attenção para Pirilampo a quem parece ouvir com suave enleio. Depois deixa pender tristemente a cabeça sobre o peito.)

Pirilampo (Que não tem perdido nenhum dos movimentos de Quiribibi, áparte, a Horms.) — Está accessivel. (Alto.) Irmão, aos nossos infelizes amores!

Horms — Aos nossos amores!

Pirilampo (Vindo com Horms junto de Quiribibi.) — Bom homem, quer fazer sociedade com dois tyrolezes, e servir-se da nossa cidra?

Quiribibi (Sem olhar para elle.) — Não costumo fazer sociedades. Sou a companhia de mim proprio e não quero outra. Faço porém uma excepção aos meus

principios ha duzentos annos inalteravelmente seguidos! A canção tyroleza, que lhe ouvi, cantei eu muita vez ha cento e oitenta annos nas montanhas do nosso Tyrol! É ella que me approxima dos senhores. (Bebendo.) Á sua saude!

Pirilampo e Horms — Á sua!

Horms — Parece que vive sob o peso de um grande desgosto.

Quiribibi — Talvez.

Pirilampo — Tambem nós. Este meu irmão ama uma rapariga linda como o raiar da aurora, mas um fatal sortilegio separou-a d'elle para sempre.

Quiribibi — Sortilegio?

Horms — Um feitiço, um encantamento, um talisman; em summa... as rocas de vidro.

Quiribibi — Conheço. Havia tres. A sua influencia é malefica. Para a destruir seria preciso alcançar o bracelete que um soldado romano arrancou ao grande rei Salomão no dia da tomada de Jerusalem.

Pirilampo — E onde existirá essa preciosidade?

Quiribibi — Procura.

Pirilampo — Isso foi já ha tantos annos! Ora, senhores, porque não havia eu de ter achado o tal bracelete, ou o que quer que é, assim como achei o segredo de tornar á juventude o velho mais decrepito?

Quiribibi (Levantando-se rapido.) — Pois tu achaste esse segredo?

Pirilampo — Eu achei, sim senhor.

Quiribibi — E dal-o-ías em troca do bracelete de Salomão?

*

Pirilampo — Se dava!

Quiribibi — Pois bem, d'aqui a uma hora, em minha casa, no valle de Gretechenross, e talvez façamos negocio.

Pirilampo — Lá estaremos, bom homem. Por causa da tal preciosidade iria eu ao fim do mundo!

Quiribibi — Espero-te.

Pirilampo — Vá descansado.

Quiribibi (Saíndo e repetindo com esperança.) — Rejuvenescer... rejuvenescer!

Pirilampo (Para Horms.) — Não t'o dizia eu?

Horms — Oh! se o conseguirmos!

Pirilampo (Chamando.) — Tio Schopp! (Atirando uma bolsa para cima da mesa.) Paga-te e guarda o troco. (Sáem.)

Schopp (Áparte.) — Uma bolsa! pagam como fidalgos! E parece estar cheia de oiro... (Vae para agarrar a bolsa; de dentro da banca sáe um macaco, que lhe deita a mão antes d'elle.) Larga a bolsa, Simão! está bom, nada de graças com o dinheiro... (O macaco faz-lhe fosquinhas com a bolsa.) Dá cá a bolsa, anda. Ah! tu queres brincadeira?... (Jogam um momento as tourinhas; o macaco por fim deita a fugir e Schopp corre atrás d'elle.) Se te apanho, pedaço de cachorro... Agarra... agarra!

SCENA VIII

REI, NOREDDINO e um troço de soldados

(Entram pela ponte, cansados, afadigados e estropiados. O rei e Noreddino devem vir um pouco adiante dos soldados. O rei traz na cabeça um chapéu de palha de abas largas, e na mão um pequeno bahu. Entra a abanar-se com um lenço. Noreddino a um leque de papel.)

Rei (Assentando-se á direita.) — Eu não posso mais!

Noreddino (Idem, á esquerda.) — Nem eu!

Rei — Nem mais... nem menos!

Noreddino — Nem menos... nem mais! (Os soldados continuam a marchar até á ribalta.)

Rei (Muito afflicto, para Noreddino.) — Olha essa gente, olha essa gente...

Noreddino (Com um grande berro.) — Alto! (Os soldados param.) E agora, real senhor, hão de ficar aqui?

Rei — Não, não podem, não devem ficar... Mas que manobra se ha de executar para lhes dar outra collocação?

Noreddino — Vossa magestade deve saber... Vossa magestade é rei, e é soldado, e é guerreiro... logo vossa magestade deve saber.

Rei — Hombros esquerdos, frente! (Os soldados vão a executar; mas Noreddino, reconhecendo que é impraticavel, brada novamente.)

Noreddino (Como acima.) — Alto! (Para o rei.) Desculpe se lhe desmanchei a obra, meu senhor; mas é que elles íam caíndo; e, se caíssem, nós perdiamos com a força bruta... a força moral.

Rei — Mas, Noreddino, como hei de eu tiral-os d'ali?

Noreddino — Não sei; ali é que elles não podem ficar.

Rei — Parece que não.

Noreddino — Experimente outra manobra; vossa magestade não sabe mais?

Rei — Sei, eu sei umas poucas; por exemplo: marche, marche contra a cavallaria.

Noreddino — Com essa tambem cáem!

Rei — Tambem? Pois então o melhor... (Natural para os soldados.) Ó rapazes, arranjem-se por ahi como

podérem, e nada de ceremonias com a minha pessoa. Eu agora não sou rei. Agora sou um incognito, sou o seu fulano de tal; vocês não me conhecem, mas hão de obedecer-me como se me conhecessem. (Os soldados espalham-se pela scena)

Noreddino — Se vossa magestade se tem lembrado d'este recurso logo ao principio...

Rei — Nem tudo lembra. Tambem, se eu me lembrasse que havia de soffrer tanto por causa das minhas filhas, tinha pedido em tempo para m'as trocarem por tres filhos.

Noreddino — Pobres princezas!

Rei — Pobres... mas augustas! mas sempre augustas, Noreddino! É preciso não esquecer isto.

SCENA IX

Os mesmos e Schopp

Schopp — Agora assobiem-lhe ás botas!... ladrão!... por causa d'elle apanhei eu uma estafa!... (Vendo-os.) Olé! (Áparte.) Soldados e dois figurões... (Ao rei, que está sentado á direita.) Que hei de servir-lhes?

Rei (Muito placidamente.) — Uma auctoridade!

Schopp (Áparte.) — Uma auctoridade? que será isto? (Alto.) Mas é que...

Rei (Um ponto mais acima.) — Duas auctoridades!

Schopp (Áparte.) — Querem ver que é alguma bebida nova, que eu ainda não tenho? (Alto.) Eu hei de ter, mas por emquanto...

Rei (Levantando-se enfurecido.) — Tres auctoridades!

Noreddino (Para Schopp.) — Tres auctoridades ao rei, animal!

Schopp (Absorto.) — Ao rei! (Caíndo de joelhos e gaguejando.) Oh! meu se... se... senhor!

Rei — Ora que é boa! então, hein? Lá está elle como o general Schoffre. Ora que no meu reino pouca gente me falla claro! (Para Schopp.) Levanta-te, reptil! Não te vejo a meus pés, energumeno! Medes talvez trinta palmos, mas eu nem um palmo vejo adiante do nariz... de tão alto olho para ti, villão!

Schopp (Levantando-se.) — Oh! meu senhor! meu senhor... que honra!

Rei — Vae chamar o burgo-mestre.

Schopp (Deitando a correr.) — Ó seu burgo-mestre, seu bur... (Encontrando-o e dizendo-lhe baixo.) O rei... o rei...

Burgo (Azaranzado.) — O rei! Oh! com os demonios! E eu que não tenho discurso. (Vindo ao rei e curvando-se.) Oh! real senhor!

SCENA X

Os mesmos e Burgo-mestre

Rei — Adeus, burgo-mestre!

Burgo (Áparte.) — Eu sempre me deito a um improviso. (Alto.) Senhor, quando os predecessores de vossa magestade e mais os seus altos avós...

Rei — Ora espera lá: como sabes tu que os meus avós eram altos e que entre os meus predecessores não se encontram os meus avós? (Hesitação do burgo-mestre.) Está bom! Continua, mas não digas mais asneiras.

Burgo (Continuando a arenga.) — Costumavam sempre dar ás auctoridades...

Rei (Atalhando.) — Hein? hein? o que?... Dar? dar o que? Não dou nada! Sabe Deus o que me custa ter de dar os bons dias a um e a outro! Dar? dar, é gastar! e eu chego a dormir vinte e quatro horas por dia só para não gastar... nem a vista!

Noreddino — Repare vossa magestade que está gastando... a saliva sem necessidade.

Rei — Estás dispensado de discurso. Eu já sei como fallam as auctoridades da minha terra. Ha alguma noticia das princezas ou do duque Horms?

Burgo — Nenhumas, meu senhor.

Rei — Muito bem! Folgo de ver como as minhas ordens são cumpridas! Actividade e energia por toda a parte!

Noreddino — É verdade!... sempre é uma actividade e uma energia!...

Rei — Estamos satisfeitos comtigo, burgo-mestre. Onde moras tu?

Burgo (Indicando.) — Alem, meu senhor.

Rei — Pois digno-me de honrar o teu tugurio... não, o teu albergue,— minto, o teu aprisco,— peior, o teu abrigo... pois não ha de ser uma cousa nem outra; ha de ser a tua casa. Apre!

Burgo — Oh! meu senhor! (Para Schopp.) Ó Schopp, arranje-me ahi um bocado de pão e queijo.

Schopp (Baixo.) — Vá descansado. (Sente-se muita algazarra. São os aldeãos que voltam pela fórma como saíram.)

Rei — O que é isto?

Burgo — É a gente da aldeia, que anda a festejar o mez de abril.

SCENA XI

Os mesmos, Aldeãos e Aldeãs

Schopp (Que foi ao encontro d'elles.) — Ó rapazes, olhem que está ali o rei... (Pasmo dos aldeãos, que recommendam uns aos outros silencio, e descem á scena muito de mansinho como se receiassem acordal-o.)

Rei (Para Noreddino.) — Guapos mocetões!

Noreddino — E que bellas moçoilas!

Rei — Venham cá, venham! (Para Noreddino.) Vou popularisar-me, queres ver? (No centro da scena.) Aldeãos e aldeãs da minha aldeia! (Interrompendo-se para ir largar o bahu á esquerda.) Nada; agora faço de rei, e um rei de bahu dá assim uma leve idéa... de creado que se desaccommodou. (Continuando para os aldeãos.) Fiel ás tradições dos meus antepassados, quero dar-lhes uma prova de que sou bom sujeito, permittindo-lhes que me beijem a mão. Cheguem-se, cheguem-se. Quem a boa arvore se chega, boa sombra colherá.

Aldeãos — Viva o nosso rei!

Rei (Para Noreddino.) — Hein? Não o dizia eu? (Os aldeãos começam a beijar-lhe a mão e vão-se collocando em grupo em torno do rei. As abas do chapéu do monarcha começam a augmentar de dimensões a ponto de cobrirem uma parte do grupo.)

CÔRO (Durante o beijamão.)

Que fortuna! (Bis.)
ir beijar a mão ao rei!
Tal fortuna (Bis.)
nunca mais
apanharei!

Rei (Depois do beijamão.) — Está bom; agora vão lá

ás suas brincadeiras. (As abas do chapéu tornam ao seu natural. O rei vae buscar o bahu e entra com Noreddino para casa do burgo.)

Todos —Viva o nosso rei!

Martha — E elle é de carne como a gente!

Mathurino — E até falla como nós!

Schopp (Atravessando para casa do burgo com pão e queijo n'um prato.) — Então ha ahi alguem que falle como o rei? Cada palavra que lhe sáe da bôca é um bocadinho de oiro. (Alguns começam logo a procurar pelo chão as palavras do rei.)

Martha — O que leva vocemecê ahi?

Schopp — É pão e queijo para elle. Já tem mais de um anno de casa. Está que até os anjos o podem trincar. (Entra em casa do burgo.)

Martha —Vamos lá á brincadeira, andem. (Formam novamente a cobra e sáem a correr pelo fundo da scena, subindo e descendo os praticaveis.)

SCENA XII

Franz e os Soldados

Franz (Entrando.) — Já não quero brincar e não quero nada! estou muito zangado! Kó-kó-ró-kó! Tinha esperanças na Martha, e a final diz-me a minha mãe que ella vae casar com o Mathurino! Estou muito triste! Kó-kó-ró-kó! (Começa a passeiar pela scena girando sobre si e recuando como os gallos quando estão com os seus azeites. Os soldados admirados vão-se chegando para o observarem mais de perto.) O que é? nunca viram? Kó-kó-ró-kó! (Reflexivo.) Não cuidem elles que sou gallo... Já não estou satisfeito!... (Deitando a correr de braços abertos.) Kó-kó-ró-kó! (Ao entrar para casa do burgo-mestre, sáe d'ella o rei e Noreddino.)

SCENA XIII

FRANZ, SOLDADOS, REI, NOREDDINO, BURGO e SCHOPP

Franz (Para Noreddino, que é o primeiro que sáe.) — Valha-me, senhor!

Noreddino (Encarando com elle.) — O duque Horms!

Franz (Áparte.) — Ai! que é o tal lá do castello!

Noreddino (Para o rei.) — Meu senhor, venham os mil ducados; ali está o duque Horms!

Rei — Aquelle?

Schopp — Aquelle é o Franz.

Burgo (Severo.) — Não desminta as pessoas da comitiva do rei.

Rei — Soldados, prendam aquelle homem. (Indica Franz.)

Franz — A mim? mas então porque vou eu preso? (Os soldados deitam-lhe a mão.)

Rei — Eu lh'o direi pelo caminho. (Para o Burgo.) Burgo-mestre, acceite como prova da minha generosidade a metade do dente, que deixei ficar no seu queijo. Feliz de mim por não ter lá deixado a dentadura toda! Soldados! Em frente... ordinario... marche! (Quando dão os primeiros passos, a cobra volta doidamente, invade a scena, cerca os soldados, o rei, Noreddino, burgo e Franz, e apertando-os cada vez mais no seu circulo, obriga o rei a trepar pela columna. Grande inferneira e guisalhada. O côro da cobra é agora cantado com mais doidice. Á maneira que o rei vae trepando, vae crescendo a columna. O rei dando por isso começa a gritar por soccorro. N'esse momento o terço do meio da columna abre para os lados, formando uma como que metade de melancia, no centro da qual está a Fada dos Crystaes. Mutação.)

QUADRO DECIMO QUARTO

O gabinete de trabalho do feiticeiro Quiribibi. Alambiques, retortas, folles e livros velhos espalhados pela scena. Tudo muito empoeirado e coberto de teias de aranha. Um grande fauteuil. Á bôca de scena uma fornalha. A scena deve ser muito curta.

SCENA I

Quiribibi (Só, vindo da esquerda, meio, porta de entrada.) — Oh! que se eu volvo aos meus vinte annos, se estes membros quebrados e lassos chegam a recobrar vigor e energia, se torno a ver-me rapaz cheio de vida, de aspirações e de desejos... Tá, tá, tá!... o que eu não farei? Isto de ser velho, muito velho...

SCENA II

O mesmo e Pirilampo

Pirilampo (Ainda de tyrolez.) — É uma qualidade muito apreciavel em certos vinhos.

Quiribibi — Ah! és tu amigo? E teu irmão?

Pirilampo — Ao saírmos da aldeia de Spielberg encontrou o creado, de quem ha muito não sabia, e foi-lhe forçoso prestar-se a uma scena de — ahs! e ohs! — que deve acabar ao millesimo abraço. Quando os deixei estavam no trigesimo nono. Podemos pois ir adiantando trabalho. Manda accender a tua fornalha.

Quiribibi (Chamando.) — Muphty?

SCENA III

OS MESMOS e MUPHTY, escravo nubio

Quiribibi — Anda cá, meu velho; vae accender a fornalha, anda. (Muphty accende a fornalha. Quiribibi prosegue para Pirilampo.) Dize-me cá: — como descobriste o segredo da rejuvenilidade?

Pirilampo — Foi-me revelado á hora da morte por um chimico allemão, que viveu em intimidade com os astrologos e sabios da China e do Thibet.

Quiribibi — E nunca usaste d'elle até hoje?

Pirilampo — Nunca. Pensei uma vez que podia com esse segredo fazer a minha fortuna, — operando uma grande revolução na sociedade humana, — e espalhei annuncios em que dizia: «Não mais velhos! Segredo para acabar com os tropegos e podengos! uma simples cozedura... e seremos todos meninos!» Mas os inventores da agua circassiana e outros ingredientes, que povoam de pello hirsuto as calvas mais desertas, moveram-me guerra de morte! Desisti pois. Isto é uma sociedade de caturras! Triste de quem pretender iniciar idéa nova n'esta sociedade de rotineiros! (Para Muphty.) Está bom, Muphty, não ateies mais o lume. (Para Quiribibi.) Manda agora pôr sobre a fornalha uma retorta de bronze.

Quiribibi — Muphty, põe sobre a fornalha aquella retorta. (Muphty executa.) Para que são estes preparativos, não me dirás?

Pirilampo — Para te cozer.

Quiribibi — Como assim?

Pirilampo — Cuidas que bastaria dizer: «Velho, sê rapaz!» para ficares alliviado da carga de

annos, que tens ás costas? Enganas-te. A transformação, que vou operar, é quasi um processo culinario. Os adubos estão n'este philtro. Para volveres pelo meu processo, aos primeiros annos da vida, preciso despedaçar o teu corpo, membro por membro, e ferver os pedaços dentro d'aquella retorta. Para seres rapaz, pelo meu systema, é necessario matar primeiramente o velho; depois de morto e fervido, renascerá, da tua carne e dos teus ossos, o rapaz energico, vigoroso, emprehendedor e audaz!

Quiribibi — Mas quem me afiança que me não enganas?

Pirilampo — Tu proprio. És um alchymista notavel, e na classe dos feiticeiros foste o primeiro do teu tempo. Usa pois de todos os meios da tua sciencia, e acharás que não te engano.

Quiribibi — Não me pareces um simples tyrolez.

Pirilampo — É possivel!

Quiribibi — Quem és pois, dize?

Piilampo — Devo ser para ti como que um livro escripto em caracteres decifraveis. Lê em mim e sabel-o-has!

Quiribibi — Protestei, ha cento e cincoenta annos, que, emquanto fosse velho, por caso algum recorreria ao emprego dos meios, que a magia me fornece; não quebro o meu protesto. Quem quer que tu sejas... confio em ti! Estou prompto. Faze-me em pedaços. Ou ser rapaz ou morrer.

SCENA IV

OS MESMOS, HORMS e FRANZ

Pirilampo — Ahi vem meu irmão e o seu creado, dás licença que entrem?

Quiribibi — Pois não, meus amigos; entrem, entrem. Venham assistir á mais notavel operação, que na moderna cirurgia se tem praticado.

Franz (Baixo, para Horms.) — Operação?

Horms (Idem.) — Sim.

Franz (Idem.) — Operação de que?

Horms (Idem.) — Da velhice.

Franz (Idem.) — Não percebo, mas é o mesmo.

Horms (Idem.) — Vão extrahir-lhe, pelo menos, cento e cincoenta annos do corpo.

Franz (Idem.) — E como se faz essa extracção? Por outra: como lhe sáem os annos do buxo? É pelo processo da ténia?

Horms —Vel-o-has!

Pirilampo (Para Quiribibi.) — Quando quizeres.

Quiribibi — É já.

Pirilampo — Ainda não; um momento. Receio que, depois de volveres á idade juvenil, te esqueças do compromisso contrahido na idade senil.

Quiribibi — Tens rasão; de feito, se eu me apanho nos meus vinte annos...

Franz — Fará como o demonio no primeiro dia que calçou botas.

Quiribibi (Tirando de um cofre um bracelete, que entrega a Pirilampo.) — Aqui tens o bracelete que procuras. Basta cingir com elle, por momentos, o braço da pessoa so-

bre quem as rocas influem, para a acção d'ellas cessar immediatamente, e ficarem esses talismans para sempre inutilisados. Parece-me que te dou uma prova de confiança, porque emfim...

Pirilampo (Pondo o bracelete no seu braço.) — Pagas adiantado uma operação que ainda não está feita. Não terás de que arrepender-te. Vamos a isto. (Quiribibi assenta-se n'uma cadeira.) Franz, destapa essa retorta. (Para Horms.) E tu, sobre cada membro, que caír dentro d'ella, deitarás tres gotas d'este liquido. (Entrega-lhe um pequeno frasco.) Vem ajudar-me, Franz. (Para Quiribibi.) A que idade queres volver?

Quiribibi — Aos vinte annos.

Pirilampo — Bem; n'esse caso é necessario não deixar levantar fervura. Franz, vê se separas do tronco a perna esquerda, emquanto eu me entretenho com a direita.

Franz — Ora, isto não custa nada a desmanchar, verá. (Puxando pela perna esquerda, que lhe fica na mão.) Eu não dizia. (Vae deital-a dentro da retorta.)

Quiribibi (Muito satisfeito.) — Bem! D'esse pespego já eu estou livre.

Pirilampo (Puxando pela perna direita.) — Os tecidos estão adelgaçados como cambraia; mas, ainda assim, conservam uma tal rijeza...

Franz — Dê cá. Isso na minha mão é um *lambisco*. (Puxa-lhe a perna direita, que lhe fica do mesmo modo na mão, e vae logo deital-a na retorta.) Parece feito de estopa, o maldito! (Para Pirilampo.) As duas pernas já estão a cozer. Agora que mais se arranca?

Pirilampo — Os braços. (Pirilampo e Franz puxam-lhe cada um pelo seu braço, a que dão igual destino.) Agora a cabeça, mas com geitinho.

Franz (Ajudando Pirilampo a despegar a cabeça.) — Está pegada devéras... Safa! eu já estou a suar!

Pirilampo — Ella ahi vae... ella ahi vae...

Franz — Custou! (Vae para deitar a cabeça na retorta. Pirilampo impede-o.)

Pirilampo — Primeiramente o tronco. (Franz põe no chão a cabeça com muito geito, e agarra no tronco, que deita dentro da retorta; depois pega na cabeça pelos cabellos, e vae a deital-a para dentro da retorta.)

Quiribibi (No momento em que a sua cabeça está suspensa sobre o bocal.) — Ó menino, com geitinho, sim?...

Franz (Aterrado, largando immediatamente a cabeça dentro da retorta.) — Cruzes, canhoto! (Pirilampo tapa a retorta, e conserva-se junto da fornalha, fazendo com a badine varios signaes cabalisticos.)

Horms (Para Pirilampo.) — Já ferve?

Pirilampo — Creio que não. Vê tu lá, Franz.

Franz (Escutando.) — Chiar... já chia!

Pirilampo — É que, para ficar nos vinte annos exactos, é preciso não deixar levantar fervura. Emfim, um anno mais, ou um anno menos, não é questão. Vamos a isto. (Destapa a retorta, que deita fumo; depois tira de dentro d'ella um braço.) Hein? que tal? Vejam que rijeza! Isto está para durar cem annos! (Torna a deixar caír o braço dentro da retorta.) Bellamente! Vamos agora a formar o novo homem, o homem rejuvenescido. (Tira de dentro da retorta, e por sua ordem: 1.°, perna direita; 2.°, perna esquerda; 3.°, o tronco; 4.°, o braço direito; 5.°, o braço esquerdo. Franz e Horms vão collocando estes fragmentos por sua ordem, de maneira que formem o todo do individuo.)

Franz (Emquanto procede á reconstrucção do feiticeiro.) — Ande lá, seu maganão, que pechinchou! (Para Horms.) Ó senhor duque, olhe que elle, assim, fica com os pés para dentro. Não queremos que o rapaz os metta para dentro; basta que venha a mettel-os... pelas mãos em muitos casos da vida.

Horms (Pondo-se a distancia para examinar a reconstrucção.) — Está bello! Está soberbo!

Franz — Maravilha! Até o pescoço está completo; se tivesse cabeça... era um homem perfeito. (Pirilampo tira de dentro da retorta a cabeça e dá-a a Franz, que, ajudado por Horms, a ajusta ao pescoço de Quiribibi. Apenas lhe põem a cabeça, Quiribibi, salta logo para o meio da casa, a pular, a rir e a cantarolar.)

Quiribibi — Oh! mas que consolação! que allivio! Como eu me sinto leve e vaporoso! sou uma folha de jasmim! um sopro da brisa! até receio que o ar me leve!

Pirilampo (Para Horms e Franz, que estão maravilhados.) — Hein? que tal?

Horms — É maravilhoso! é estupendo!

Quiribibi (Doidamente.) — Um espelho... um espelho quanto antes para admirar o nacarado d'estas faces, o adelgaçado d'estes labios... (Tem procurado o espelho, e de repente, como por reflexão.) E eu a pedir um espelho quando me é tão facil arranjal-o. (A um aceno, a retorta, que está sobre a fornalha, transforma para um espelho, com a face para o espectador, e nesse espelho vêem-se reproduzidas as figuras de Pirilampo e Horms nos seus trajos caracteristicos.) Que vejo... o duque Horms e Pirilampo!... (Indo a Pirilampo.) Pois és tu, Pirilampo? Bem desconfiava eu de que não eras um simples tirolez. Só um genio, como tu, seria capaz de similhante commettimento. Oh! vem! vem sentar-te aqui. (A um aceno de Quiribibi a scena transforma para um gabinete chic. A fornalha transforma n'um sophá elegante. A cadeira afunde-se.)

Franz (No acto da transformação.) — Já elle começa a fazer peloticas.

Pirilampo — Estás então satisfeito?

Quiribibi — Plenamente satisfeito!... estou doido de alegria... (Ouvem-se fóra vozes de mulheres, cantarolando uma valsa alegre.) Caluda!... (Escutando.) São vozes de

mulheres, pois não são? E talvez sejam bonitas, provocadoras, interessantes? Oh! não lhes posso resistir! (Sáe a correr como doido.)

Pirilampo (Rindo.) — Has de envelhecer muito depressa, meu genio!

Horms — Não tem duvida, como já sabe a receita para rejuvenescer...

Franz — É verdade; em percebendo que está assim quasi vae não vae a caír da tripeça... panella te valha! Uma cozedura... e está prompto!

Horms — E agora?

Pirilampo (Para Horms.) — Tu, segue-me; (Para Franz.) e tu vae esperar-nos no acampamento. (Sáem pela esquerda.)

Franz — Temos viajata, logo vi. Pois não sou eu que vou atrás d'elles... pelo menos a pé... (Assenta-se no sophá.) Cansado, ando eu. (Surge um gnomo com um velocipede.)

Gnomo — Da parte de Pirilampo.

Franz (Levantando-se.) — Ah! lá d'esta maneira... (Escarrancha-se no velocipede e sáe a correr.) quem é que não ha de ir?

QUADRO DECIMO QUINTO

O interior de um mosteiro meio arruinado e de architectura severa. Grandes arcarias, a todo o fundo da scena, formando extensas galerias. De cada lado da scena um banco rude. Luz debil.

SCENA I

LÉLIA, NOÉMIA, CASSILDA, depois as PENITENTES

Princezas (Fiando desesperadamente e choramingando.) —

E nós, entretanto,
ai, fia, que fia!
chorando e gemendo
de noite e de dia!
Não podem, mulheres,
ser mais desgraçadas;
tomar nem nos deixam
chásinho e torradas!
Apenas nutridas
de espigas de trigo...
ai, manas! que duro,
tremendo castigo!

Lélia (Com desespero mal contido.) — Oh! aquelle pae! aquelle pae!

Noémia — Se não fosse ser pae da gente, o que elle merecia era uma *tareia!* Elle diz-se *tareia?* Eu pergunto isto, porque como a mana desde que estamos na abbadia das penitentes negras já me não pega nas palavras...

Cassilda — Se a gente anda tão triste!

Lélia — Tomára eu ter tempo para chorar a mi-

nha triste vida! Ver-me clausurada n'um mosteiro d'estes...

Noémia — Mas porque nos mandou a fada para aqui?

Lélia — Porque temeu que os sortilegios do duque Horms ou do genio que o protege quebrassem o encantamento das rocas de vidro.

Cassilda — O que é certo é que, por causa da mana, tem a gente passado... passinhas do Algarve!

Noémia — A minha pena é estar soffrendo por sua causa!

Lélia — Quanto estou arrependida de não haver acceitado a côrte ao duque Horms! Oh! mas se um dia deixo de ser escrava d'este talisman... (Indica a roca.) juro que não hei de amar outro senão elle. (As penitentes apparecem atravessando a galeria do fundo. Vem a duas e duas, e trazem os rostos tapados. Durante a entrada das penitentes e até o fim da scena a orchestra executa em surdina um motivo lugubre.)

Cassilda (Tremula.) — Lá vem as penitentes!

Noémia (Idem.) — Não posso vel-as sem tremer de medo!

1.ª Penitente (Passando junto das princezas.) — Meninas, são horas da primeira refeição. (As princezas, humildes e obedientes, sáem pela direita adiante das penitentes, que continuam a sua marcha lenta e vagarosa até desapparecerem de todo.)

SCENA II

Rei, Noreddino e Fada

Rei (Sem largar o bahu e como que continuando dialogo.) — Mas, ó comadre, se você... Deixe-me tratal-a por você,

sim? Digam o que disserem este tratamento póde ser grosseiro...

Noreddino — Mas é affectuoso e sincero.

Rei (Continuando.) — Se, porém, você me tem dito: «temendo os maleficios do genio tal...»

Noreddino — Do genio fulano...

Rei — De um genio que pelo nome não perca.

Noreddino — Isso.

Rei — E vendo tuas filhas em perigo, encerrei-as n'um asylo inviolavel e seguro», o meu coração de pae não teria soffrido tanto! Porque, olhe a comadre, que este caso de não saber das minhas filhas, ía fazendo com que eu não soubesse de mim; e se a comadre não tem a retentiva de me apparecer na aldeia de Spielberg, ainda a estas horas andaria eu e mais o Noreddino, e mais a minha tropa...

Noreddino — Nós todos; eu, tu e elles. É mais breve.

Rei — Exactamente; andariamos eu, tu e elles a correr montes e valles...

Noreddino — Para descobrirmos as princezas.

Rei — Não gosto d'esse verbo, Noreddino.

Noreddino — Então direi: destaparmos as princezas.

Rei — Tambem não me agrada; tambem não consinto que se applique ás minhas filhas o verbo destapar. (Severo.) As princezas não são panellas, Noreddino!

Noreddino — E destelhar, convem-lhe, meu senhor?

Rei — Esse, sim; esse, ao menos, não se presta a equivocos desengraçados. (Continuando para a fada.) A ver

se destelhavamos as princezas. Com que então, é n'este mosteiro que se acham as minhas vergonteas?

Fada — Para aqui as trouxe por me parecer que ficariam menos expostas a perigos e tentações.

Rei — Mas então as rocas não valem de nada?

Fada — Valem de muito; são ellas que tem defendido tuas filhas das seducções do duque Horms.

Rei — Não me falle n'esse garoto!

Fada — Mas as rocas e este mosteiro são duplo meio de segurança.

Noreddino — É caso para um pae dormir de portas abertas.

Rei — Equivale a estar seguro a duas amarras.

SCENA III

Os mesmos e primeira Penitente

Fada — Ahi vem a superiora das penitentes.

Rei — É aquella?

Fada (Á superiora.) — Venha cá, minha amiga, apresento-lhe o rei Thezauro...

Rei (Baixo, puxando-lhe pelo vestido.) — Não lhe diga quem sou. Poupe-me a massadas. Ou sou, ou não sou X.

Noreddino — X?

Rei — Sim, X. De que te admiras? O que é X? é a incognita. E o que é a incognita?

Noreddino — É a cousa que se não conhece.

Rei — Pois ahi está o que eu sou. Sou a cousa que se não conhece.

Fada (Á superiora.) — Apresento-lhe o pae das meninas, que confiei á sua guarda.

Rei — Estimo muito conhecel-a, senhora superiora. As minhas filhas como passam?

1.ª Penitente — Excellentemente, meu senhor. Se vossa magestade deseja vel-as...

Rei (Para Noreddino.) — Lá me descobriu ella.

Noreddino — Destelhou, meu senhor.

Rei — Nada, não estou por isso; não quero, não me convem! Esse verbo emprega-se unicamente quando se trata das princezas. Eu não me destelho, descubro-me. A minha pessoa, o meu *eu real* descobre-se quando destapam o meu *eu particular*. A superiora destapou agora o meu *eu particular*, o *eu plebeu*, o *eu vilão*; por consequencia, quer eu queira, quer não, hei de por força assumir o meu *eu real*. (Respondendo á superiora.) Hei de desejar, senhora superiora.

1.ª Penitente — Não tardam ahi. Espere o senhor um bocadinho.

Rei (A Noreddino.) — Ella disse: o senhor? Então torno a tapar o meu *eu real*.

Noreddino (Passando-lhe o bahu.) — Justamente; descubra o *eu particular*. Vossa magestade andando n'este motu continuo do — *eu particular* para o — *eu real*, faz-me lembrar a historia das freiras de Santa Clara...

Fada — Emquanto conversas com as tuas filhas...

Rei — Vá lá tratar da sua vida, comadre, vá. Eu demoro-me por aqui. Desejo passar um dia com as pequenas (Para a superiora.) se isso não vae contra os usos da casa.

1.ª Penitente — De maneira alguma, real senhor.

Rei (Áparte.) — Real senhor? (Passando o bahu a Noreddino.) Torne-se a envergar o *eu real.*

Fada — N'esse caso á noite virei buscar-te.

Noreddino — É isso, venha buscar os meninos á noite.

Fada (Saíndo com a superiora.) — Recommendo-lhe toda a vigilancia. Ha um genio muito poderoso, que persegue as princezas. É necessario muito cuidado com elle.

SCENA IV

REI, NOREDDINO, depois as tres PRINCEZAS

Noreddino —Vossa magestade sempre tem lembranças! Pois o seu coração de pae não ficava satisfeito vendo as meninas e safando-se em seguida?

Rei — Não; se me safasse tinha de voltar para o acampamento, e eis-ahi o que eu não quero. Fiquei farto de louros! Estou sufficientemente enramilhetado! Ah! lá vem ellas!

Princezas (Dentro.) — Papá... meu papá... (Noreddino põe o bahu a um lado.)

Rei (De braços abertos.) — Venham, meus queridos amores!... tenho fome e sêde das minhas joias! (As princezas lançam-se-lhe nos braços.)

Lélia — Ora o papá por aqui!

Noémia —Vem buscar-nos, papá?

Cassilda —Vem tirar-nos d'esta sepultura?

Lélia — Olha o Noreddino, olha!

Cassilda — Adeus, ó Noreddino?

Noémia — Como passaste, Noreddino?

Rei — Está bom, está bom; estamos todos reconhecidos e abraçados! Calem-se agora os cora-

ções e falle a rasão e a justiça. Com que então, as meninas, são tão boas prendas que foi preciso clausural-as n'um mosteiro para as pôr a salvo das tentações e dos perigos? Ora digo-lhes que sempre tenho umas filhas! Pedaço de cachorras! E fiz eu um despezão para as encarcerar no meu castello de Kleistokop!

Lélia — Ah! o papá está hoje assim?

Rei — Hoje e sempre! quando estou longe das meninas sinto-me um pouco inclinado á ternura; mas quando as vejo ao pé de mim crescem-me cá por dentro umas raivas...

Noémia — Pois olhe a gente não está para ouvir prégações!

Cassilda — Bem nos basta a nossa triste vida.

Lélia — Se o papá estivesse sómente alimentado de cardos e ortigas...

Noémia — Se a toda a hora fosse invadido por enxames de bezouros e moscas varejeiras...

Cassilda — Se fosse deitar-se na sua cama e a achasse crivadinha de bicos de alfinetes...

Lélia — Quer ver? quer ver o que as suas filhas padecem?

Noémia — Quer fazer uma idéa do estado dos nossos corpinhos?

Cassilda — Chegue aqui á nossa cella e veja as nossas camas. (O rei e Noreddino, conduzidos pelas princezas, entram na cella á direita. As princezas ficam á porta. Pirilampo apparece vestido de penitente.)

SCENA V

OS MESMOS e PIRILAMPO

Pirilampo (Vindo a Noémia, baixo.) — Quer saír d'esta clausura?

Noémia (Assustada e baixo.) — Como?

Pirilampo (Recommendando-lhe silencio.) — Silencio! Se quer recobrar a liberdade, cinja momentaneamente o pulso de sua irmã Lélia com este braccelete e restitua-m'o depois. (Noémia obedece machinalmente; apenas cingiu o pulso direito de Lélia, a roca d'esta parte-se em dois bocados. Noémia restitue o bracelete a Pirilampo.)

Lélia (No acto de se partir a roca.) — Ah! (Pirilampo afasta-se.)

Noémia e Cassilda — Papá! papá! quebrou-se a roca da mana Lélia.

Rei (Saindo da cella, afflicto.) — Hein? o que? o que foi? quebrou-se a roca... quebrou-se a roca? Nunca eu cá viesse!

Lélia (Fóra da acção do talisman.) — Eil-a em pedaços! Estou livre emfim d'este negregado talisman! quebraram-se os grilhões que me algemavam! (Lançando-se doidamente nos braços do pae.) Papá, papá!... renasci para o mundo e para o amor!

Rei — Juizo, Lélia! juizo e moderação! Lembre-se de quem é! Uma princeza, mesmo nos grandes arrebatamentos do amor, é prudente e comedida nas suas expressões e nos seus actos.

Horms (Fóra.) — Lélia...

Lélia (Com alegria.) — É elle!

Horms (Fóra.) — Lélia.

Lélia (Correndo como doida.) — Vem, querido da mi-

nha alma! vem aos meus braços! (Um dos bancos transforma em um elegante wagon puxado por uma pequena machina. Horms está dentro do wagon.)

SCENA VI

OS MESMOS, HORMS, depois as PENITENTES e a FADA

Horms (Chamando.) — Lélia, Lélia?

Lélia (Vendo-o e dando um grito de alegria.) — Ah! (Corre para elle e entra no wagon, que parte ligeiro e silvando. Tudo isto é rapido. O rei, Noreddino e as duas princezas estão absortos a olharem uns para os outros.)

Pirilampo (Cujo trajo de penitente desapparece, bradando alegremente.) — Estação do amor! Estação do amor! O comboio vae partir! (Fica no seu trajo phantastico de Pirilampo. Vendo o rei e batendo-lhe levemente no hombro.) Então?

Rei (Sem olhar para elle e sem sair do seu estado de surpreza. — Nas minhas barbas... é grande audacia!

Noreddino — Que exemplo para estas meninas!

Rei — O que a fada devia ter feito quando lhe poz uma roca á cinta...

Noreddino — Era ter-lhe posto uma grilheta ao pé!

Rei — Elles cá virão pedir o meu consentimento para casarem.

Noreddino — Não lh'o dê, meu senhor.

Pirilampo (Como acima.) — E se eu t'o pedir?

Rei e Noreddino (Sem olharem para Pirilampo.) — Recusâmos.

Rei — Nem que me pozessem entre a bigorna e o martello, eu diria — sim.

Noreddino — É verdade! nem mesmo d'esse modo...

Rei e Noreddino — A gente diria... (Não podem acabar a phrase, porque a um aceno de Pirilampo são transformados em mandarins, que se afundem lentamente.)

Noémia — Ai! o papá! } (Ao mesmo tempo.)
Cassilda — Ai! o Noreddino! }

Pirilampo (Entre as duas) — Não se afflijam, princezas, não lhes succederá mal algum. Isto não passa de um pequeno lembrete. (Offerecendo-lhes os braços.) Querem acceitar-me por braceiro para as acompanhar lá fóra, ao ar livre?

Cassilda — Se queremos! (Dão-lhe o braço, e vão a saír quando o outro banco transforma em um vaso de fórmas colossaes, sobre o qual apparece a fada.)

Fada — Ganhaste!

Pirilampo — Não admira; tinha todos os trunfos!

Fada — Faltava-te porém um.

Pirilampo — Substitui-o pelo bracelete de Salomão, de que te havias esquecido.

Fada — És mais forte, reconheço. Ainda assim....

Pirilampo — Não acabes. (O vaso transforma n'uma gaiola elegante, dentro da qual se vê a fada. Pirilampo sáe com as princezas pelo braço.)

Fada (Dentro da gaiola.) — Valei-me, penitentes negras, valei-me! (Aos brados da fada as penitentes negras correm de todos os lados trazendo nas mãos cruzes de fogo. Forte na orchestra. Mutação.)

QUADRO DECIMO SEXTO

A tenda do rei no acampamento. Decoração do quadro decimo segundo

SCENA I

REI, NOREDDINO, DUQUE, GENERAL, AJUDANTES e OFFICIAES SUPERIORES

(Depois de operada a mutação, o rei e Noreddino surgem, cada um de seu lado da scena, ainda vestidos de mandarins. Estão sobre pianhas e movem o pescoço e a lingua exactamente como os mandarins de porcelana.)

Duque, General e Officiaes (Entrando prazenteiros e como que apressados). — Real senhor... real senhor? (Procurando o rei, deparam com as duas estatuas e ficam surprehendidos e abysmados.) Oh!

Duque — Estranho phenomeno, na verdade! El-rei e o seu mordomo vestidos de mandarins!

General — E empolei... e empoleirados!

Duque — É singular!

General — Que ma... mania!

Duque — Mas elles movem o pescoço...

General — O pes... pescoço e a lin... linguinha...

Duque — Logo estão vivos.

General — Pa... parece; mas o con... o conselho que deci... que decida.

Todos — Não ha que duvidar, estão vivos!

Duque (Dirigindo-se ao rei.) — Meu senhor, respeitando os motivos que levaram vossa magestade a empoleirar-se, e achando immensa graça á lembrança de vossa magestade, lembrança que denuncia a

boa disposição do seu animo, é dever nosso participar-lhe que está celebrada a paz.

General — E o dinhei... dinheirinho cá vae... Pois!

Duque — Terminada assim a campanha, que para vossa magestade foi toda de gloria e de louros, os nossos exercitos, se vossa magestade não manda o contrario...

General — Vão... vão... (Com gesto de marchar.) recolher aos seus quar... quarteis.

Duque — Esperâmos apenas por vossa magestade. (Pausa.)

General — Ps... Pscht!... en... então? (Com repetidos movimentos de cabeça como que apontando para a saída da esquerda.)

Duque (Idem.) — Meu senhor...

General (Idem.) — Sa... safâmo-nos... ou não?

Todos (Com iguaes movimentos.) — Pscht! então? Pscht?

Duque — Estão a zombar.

General — Pa... parece.

Duque (Ao general.) — Será isto bruxaria?

SCENA II

Os mesmos, Pirilampo, Cassilda e Noémia

Pirilampo (Rompendo o fundo com as princezas pelo braço.) — E se o fosse?

Todos (Com surpreza.) — As princezas!

Pirilampo — Não é perfeitamente bruxaria; é um brinquedo de nigromante, que vae cessar immediatamente se el-rei me fizer uma pequenina concessão, e se o senhor Noreddino não se oppozer. (Ao

rei.) Consente vossa magestade no casamento da princeza Lélia com o duque Horms? (Aos dois.) Respondei: sim ou não?

Rei e Noreddino (Conservando os seus movimentos automaticos.) — Sim!

Pirilampo — N'esse caso, vivei!

Rei e Noreddino (Saltando para o meio do chão e repetindo jubilosos o monosyllabo.) — Sim... sim... sim... sim... sim... e sim. Apre!

Rei (Continuando.) — Quando um homem chega a estas *alturas de gloria* diz que sim a tudo. E eu ha mais de uma hora que estou com vontade de dizer que *sim* para que me deixem. General, duque, princezas, venha tudo aos meus braços... tudo! (Grande scena de abraços.)

General — Ter... terminou a guerra, meu senhor...

Rei — Sei; ouvi tudo.

Noreddino — Não podiamos fallar, estavamos privados de todos os movimentos alem d'estes... (Repetindo-o.) mas ouviamos tudo.

Rei — E para assignalar este grande dia, para rematar a grande obra que aos olhos da posteridade me fez grande, grandissimo, grandississimo... (Ao duque.) Duque, dou-lhe a minha filha Noémia.

Noémia (Com uma careta.) — Hein? (Faz pallinha com a mão.)

Rei (Continuando.) — General, dou-lhe a minha filha Cassilda.

Cassilda — Como?

Rei — E ficam assim ambos elevados á dignidade de principes... (Áparte.) e eu livre d'ellas para todo o sempre, amen Jesus!

Duque (A Noémia.) — Princeza...

Noémia — Ai! não brinque! (Volta-lhe as costas.)

General (A Cassilda.) — Prin... princeza...

Cassilda (Idem.) — Ora esteja quieto!

Rei (A Noreddino.) — As raparigas fizeram-lhe cara.

Noreddino — Isso estava eu a ver. São de muito má bôca!

Rei — Pois elles não são nenhuns peixes podres.

(Pirilampo mette-se entre as princezas e cinge rapidamente o pulso de cada uma d'ellas com o bracelete de Salomão. As rocas fizeram-se em bocados e as duas princezas livres da acção ou influencia d'aquelles talismans, voltam-se amorosamente uma para o duque, outra para o general.)

Noémia e Cassilda (No acto de se quebrarem as rocas.) — Ai!

Noémia (Para o duque.) — Ah! duque!

Duque (Beijando-lhe a mão.) — Oh! Noémia!

Cassilda (Para o general.) — Oh! general!

General (Beijando-lhe a mão.) — Oh! Ca... Cassilda!

Rei (Para Noreddino.) — Noreddino, esta scena commoveu-me; a minha alma está sentindo a tremenda necessidade de abraçar alguem...

Noreddino (Lançando-se-lhe nos braços.) — Oh! meu rei!

Rei (Beijando-o.) — Não se póde ser mais grande, Noreddino!

Noreddino — Não é possivel, meu senhor!

Pirilampo — Agora, poderoso monarcha, acompanha-me ao meu palacio, onde vae celebrar-se o casamento da princeza Lélia com o duque Horms.

(A um aceno. Mutação.)

QUADRO DECIMO SETIMO

Um palacio magnifico todo decorado de cariatides vivas

SCENA ULTIMA

Todos os do quadro precedente, HORMS, LÉLIA, CARIATIDES, GENIOS, SYLPHIDES, etc.

(Dentro de um pavilhão, cuja cupula é igualmente sustentada por cariatides vivas, estão Horms e Lélia. No remate da cupula, e como que servindo-lhe de ornamentação, um grupo de tres mulheres representando as tres graças. Depois de operada a mutação Franz entra no seu velocipede e descreve o giro da scena. Deve vestir um costume elegante de velocipedista).

Franz — Deixem passar, que estou de ordens a meu amo. (Harmonias na orchestra. — Cáe o panno.)

FIM DO SEGUNDO VOLUME

Abranches, Aristides
As tres rocas de crystal; magica em tres actos e dezesete quadros


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 06 08 013 7